

Ministério

Uma revista para Pastores e Obreiros

MAIO-JUNHO DE 1998



Apocalipse
na linguagem de hoje



Ministério

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

ARTIGOS



A. Rios

10 APOCALIPSE ATUALIZADO

Uma abordagem do livro do Apocalipse para a mente secular.

24 DE CASA EM CASA

As transformações da vida moderna não dispensam o pastor do trabalho de visitação.

28 É PRECISO VIGIAR

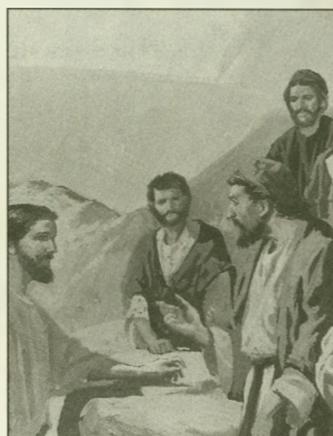
O pastor necessita estar atento aos perigos que rondam sua vida espiritual.

13 JESUS E O DISCIPULADO

A igreja precisa cumprir fielmente a responsabilidade de fazer discípulos.

16 PROJETO PREACH NO AR

Revista Ministry promove seminário via satélite nos Estados Unidos.



A. Rios

19 A PREGAÇÃO EFETIVA

Como tornar o sermão relevante para o ouvinte.

SEÇÕES

3 EDITORIAL

4 ENTREVISTA

7 AFAM

8 PONTO DE VISTA

22 IDÉIAS

30 DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

31 LIVROS



APC



Ano 69 – Número 03 – Mai./Jun. 1998
Periódico Bimestral

Diretor Geral: Wilson Sarli; **Redator-Chefe:** Rubens S. Lessa; **Editor:** Zinaldo A. Santos; **Revisoras:** Ildete Silva e Mercedes Campos; **Editor de Arte:** Wilson Almeida; **Diagramação:** Josias Henrique da Silva; **Colaboradores Especiais:** Alejandro Bullón; José M. Viana; **Colaboradores:** Antônio Moreira; Mário Valente; José S. Ferreira; Izéas Cardoso; **Capa:** Antônio Rios e Davi Gangi

5935/5003

Visite o nosso site: <http://www.cpb.com.br> E-mail: Serviço de Atendimento Direto: saa@cpb.com.br Redação: redacao@cpb.com.br

Todo artigo, ou correspondência, para a revista **Ministério** deve ser enviado para o seguinte endereço: Caixa Postal 12-2600; CEP 70279-970, Brasília, DF



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
EDITORA DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA
Rodovia SP 127 – km 106 – 18270-000; Tatuí, SP

Evangelismo sem limites



Zinaldo A. Santos

Tendo cumprido Seu ministério terrestre e estando prestes a ascender aos Céus, Cristo delineou a tarefa a ser cumprida por Sua-Igreja: "Toda a autoridade Me foi dada no Céu e na Terra. Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século." (Mat. 28:18-20). Dessa forma, recebemos, como uma extensão daquele pequeno grupo de cristãos, uma missão definida e clara: evangelizar o mundo.

Ao refletirmos sobre essa passagem bíblica, não podemos impedir que algumas ponderações afluam à mente. Em primeiro lugar, o desempenho da missão evangelística não teve seu início apenas com os discípulos. Jesus é seu autor. Chamou um grupo de homens simples e realizou com eles um trabalho de capacitação, tanto através da teoria como por Seu próprio exemplo, quando pelos caminhos e valados por onde passava, transformava em todos os sentidos a vida de homens e mulheres.

Essa maneira de o Mestre agir nos ensina que o cumprimento da missão não é exclusividade da liderança ou dos pastores. O Senhor determinou que o Seu trabalho seria executado através de um corpo terreno, individual e físico. Ele continua a mesma obra agora, através de um corpo

complexo e orgânico que engloba o mundo inteiro – a Igreja. Dotou esse corpo com dons espirituais, capazes de muitas combinações. Legou aos membros da Igreja uma força que atua silenciosa mas poderosamente, em consequência da vida de Cristo dentro de todo crente.

Nenhum princípio de vida da Igreja se mostrou mais revolucionário do que o que ressalta da declaração de Paulo aos cristãos efésios (Efés. 4:11 e 12) no sentido de que o trabalho da Igreja no mundo deve ser efetuado pelos santos, e não apenas por um clérigo profissional ou por alguns leigos selecionados. Treinar e aperfeiçoar esses santos, ajudá-los a descobrir seus dons, para o emprego na missão, é a desafiadora tarefa do pastor. Afinal, os principais responsáveis pelo treinamento cristão eficiente dentro da comunidade eclesial são os que têm os dons de pastores e mestres (Efés. 4:11). Esse trabalho nada mais é que fazer discípulos.

Uma segunda ponderação a ser levada em conta é o fato de que missão evangelizadora não é um programa opcional, a respeito do qual uma igreja pode decidir colocar em prática ou não. Na verdade, é o *modus vivendi* da Igreja. É uma paixão que arde no coração de cada crente, impulsionando-o à ação. É o sangue que corre em suas veias espirituais.

No dizer de Leighton Ford, em seu livro *A Igreja Viva*, "evangelização é a paixão de Moisés: – 'O povo cometeu grande pecado... Agora, pois, perdoa-lhe o pecado; ou, se não, risca-me, peço-Te, do livro que escreveste.' É a paixão de Paulo: 'Ai de mim se não pregar o evangelho!' É o grito de angústia de Jesus, ao chorar sobre a cidade impenitente: 'Ó Jerusalém, quantas vezes quis Eu reunir teus filhos.' Evangelização é o grito de Knox: 'Dá-me a Escócia ou eu morro', e de Wesley: 'O mundo é a minha paróquia.' ... É David Brainerd tossindo sangue dos pulmões tuberculosos, quando sobre a neve orava pelos índios. É George Whitefield atravessando o Atlântico treze vezes em uma pequena embarcação para pregar nas colônias americanas. É a paixão que levou a aristocrática Lady Donithorne a

entrar nas favelas proibidas da 'Cidadela' de Hong Kong para levar o bálsamo do evangelho a alcoviteiras e prostitutas, a viciados em entorpecentes e jogadores."

Mas é também verdade que não se consegue interesse pela evangelização, automaticamente. Isso é fruto de um coração que pulsa na cadência do coração de Cristo. Quando o Cristo do trono final e o Cristo da cruz Se tornam o Cristo do coração, é impossível olhar para o mundo senão pelos olhos de Cristo, e partilhar com ele Aquele que significa tudo para nós. A evangelização que não procede de um coração cheio de Cristo descamba para o proselitismo, argumentação que tem como objetivo recrutar indivíduos para uma organização, mas não para um Salvador.

Um pastor que não investe no envolvimento evangelístico de sua igreja, vai tê-la sempre vazia, apática, fria e sem vida. P. T. Forsyth afirmou que "sempre se poderá medir o valor da cruz de Cristo pelo seu interesse [da igreja] em missões. A igreja que não é missionária mostra ser uma igreja sem cruz e se torna uma igreja sem fé". Podemos dizer o mesmo a respeito do pastor. A igreja e a pessoa cristã somente se mantêm sadias quando têm uma das mãos estendidas para receber de Deus, enquanto a outra é estendida para partilhá-Lo com os semelhantes.

Diante de tudo isso, nenhum recurso humano ou tecnológico deve ser tido como dispensável na evangelização. Devemos fazê-lo pessoalmente, através do ministério da reconciliação, processo que "abarca a relação vertical do homem com Deus, através de Cristo, e com o semelhante", no dizer do entrevistado deste mês. Com os modernos meios que facilitam a comunicação atualmente, como satélite, televisão, rádio, telefone e informática, podemos e devemos alcançar todas as camadas sociais. É assim que podemos levar-lhes uma mensagem que, tanto pela forma como pelo conteúdo, lhes capte a atenção e dê respostas para as perguntas que fazem. Jamais subestimando o que Deus pode fazer através de um exército de crentes treinado e capacitado para o trabalho. – Zinaldo A. Santos.

Ministros da reconciliação

Freqüentemente, grandes ou pequenas ofensas instalam conflitos nas relações humanas, mesmo entre cristãos. Verifica-se então uma escalada de hostilidades, ressentimentos, reivindicações, que espalham dissabor entre a comunidade envolvida. E a reconciliação aparece como a fórmula mais adequada para dirimir as disputas e promover a saúde dos relacionamentos.

Fomos chamados a agir como ministros da reconciliação, segundo o pensamento do apóstolo Paulo (II Cor. 5:18-20). E o exercício dessa responsabilidade ministerial requer o conhecimento de estratégias e técnicas, que, lado a lado com a prática da oração, utilizadas e direcionadas pelo Espírito Santo, contribuirão para que as arestas sejam aparadas e a boa qualidade do relacionamento fraternal seja restaurada.

Para falar sobre esse assunto, *Ministério* entrevistou o Dr. Mario Pereyra, doutor em Psicologia, psicólogo clínico, diretor da Faculdade de Psicologia da Universidade Adventista del Plata, na Argentina, e um dos diretores do Departamento de Saúde Mental do Hospital Adventista del Plata. O Dr. Pereyra é também escritor dos livros *Psicologia do Perdão*, *Estratégias e Técnicas da Reconciliação*, *Psicologia da Esperança e Correntes Psicológicas Contemporâneas*.

A seguinte entrevista foi concedida durante a I Jornada Brasileira de Psicologia do Aconselhamento Cristão, realizada em janeiro, no IAE, campus de Santo Amaro.

Ministério: *A existência de conflitos entre os membros de uma igreja é normal, ou é falta de conversão?*

Dr. Mário: O conflito é algo inerente à natureza humana. Estamos envolvidos

em uma comunidade. De modo que é normal haver conflitos, tensões e dificuldades. O correto é que se procure superá-los, crescer e amadurecer em meio a eles, para que se viva a plenitude de vida.



Dr. Mario Pereyra

Ministério: *Em que áreas de relacionamento os conflitos são mais freqüentes: pais e filhos, esposo e esposa, ou entre os membros?*

Dr. Mário: Todas essas áreas têm sua vulnerabilidade ou graus mais perigosos, em determinados momentos. Na relação entre pais e filhos, há etapas onde há mais possibilidades de que a vida seja mais harmoniosa; especialmente quando os filhos são pequenos, há uma relação de maior reciprocidade. Porém, à medida que vão crescendo, as tensões e o jogo de oposições cada vez se tornam mais difíceis. Acho que a fase mais difícil do relacionamento pais-filhos é a adolescência. Aí os conflitos se tornam mais agudos. Eu creio que a educação cristã é um dos

meios mais notáveis de elaborar os conflitos, sobretudo na adolescência. Na relação matrimonial, os períodos de namoro, noivado e os primeiros anos do casamento são os de maior harmonia, e edificantes para a relação. Mas também há etapas desse relacionamento que são mais difíceis, onde os conflitos crescem e há maior perigo de dissolução, desintegração do vínculo. Depois de certo tempo, parece que o amor esfria e entra-se numa rotina. Porém,

meios mais notáveis de elaborar os conflitos, sobretudo na adolescência. Na relação matrimonial, os períodos de namoro, noivado e os primeiros anos do casamento são os de maior harmonia, e edificantes para a relação. Mas também há etapas desse relacionamento que são mais difíceis, onde os conflitos crescem e há maior perigo de dissolução, desintegração do vínculo. Depois de certo tempo, parece que o amor esfria e entra-se numa rotina. Porém,

à medida que se supera essa crise, a relação fica mais firme, mais forte. Entre irmãos da igreja também há possibilidade de conflitos. Mas eu tenho observado que há comunidades onde eles são verificados em menor grau. São justamente as igrejas que mais trabalham, que formam uma equipe envolvida na ação missionária. Há, no entanto, igrejas mais antigas, onde certos grupos exercem domínio, causando conflitos e dividindo-as. Por isso mesmo, estacionam, dificultando o trabalho do pastor, uma vez que ele tem de se envolver com muitos problemas internos.

Ministério: *A seu ver, quão abrangente é o trabalho do pastor como "ministro da reconciliação?"*

Dr. Mario: O significado desse conceito é muito amplo, porque abarca a relação vertical do homem com Deus, através de Cristo; de modo que há toda uma teologia – a doutrina da salvação, a justificação e a santificação – envolvida nesse fato. A amplitude é ilimitada. Essa reconciliação também tem sua direção horizontal, faz parte das relações humanas: pais e filhos, cônjuges, amigos, comunidade, etc. E nesses níveis e áreas tão distintos, também existem dificuldades a enfrentar. Há ainda a reconciliação do indivíduo consigo mesmo, não apenas nos planos vertical e horizontal, mas no plano da profundidade, da alma, onde também existem conflitos internos, como consciência culpada, atitudes de autodefesa, autojustificação, fuga da responsabilidade pelos próprios atos; enfim, situações que se agravadas produzirão fragmentação de pensamento, levando a transtornos emocionais e mentais.

Ministério: *Em vista das muitas atividades que o pastor precisa executar, em que lugar de prioridade o senhor coloca o exercício desse tipo de ministério?*

Dr. Mario: Bem, eu sou um psicólogo e certamente posso ser considerado suspeito para enfatizar o valor desse trabalho inter-relacional. Não sei como posso fazer uma caracterização, mas creio ser fundamental que o pastor esteja em contato contínuo com as pessoas, quer seja numa visita pastoral, ou em pequenos grupos, ou reunindo toda a congregação, e até infiltrando-se na comunidade. Ele precisa ter habilidade, conhecimento e instrumentos conceituais e práticos para saber como intervir e o que fazer em cada circunstância.

Tenho a preocupação de que o currículo do curso teológico dê mais ênfase às matérias que contribuam para que o pastor seja um conselheiro mais eficiente.

Ministério: *Às vezes, duas partes estão em conflito, e o conselheiro propõe que as duas se reúnam, orem e deem o assunto por resolvido. Isso é tudo?*

Dr. Mario: Eu creio que a oração nunca é algo simplista. Ela é a expressão de nossa impotência para resolver algo supostamente insolúvel. E creio que, em última instância, é Deus quem soluciona todo problema. Senti-Lo, ter a experiência de Sua presença e do Espírito Santo, intervindo no processo da resolução de conflitos, é muito importante. Mas a oração deve ser acompanhada de ação. E nesse sentido, creio que devemos ter recursos para avaliar

O princípio de reconciliação exposto em Mateus 18 é a psicologia prática. Ali, há muita sabedoria.

a situação, fazer um bom diagnóstico do caso, a fim de saber em que etapa o processo se encontra, se é conveniente ou não atuar de forma direta e pessoal, fazer algum apelo, se é oportuno aproximar as partes envolvidas tendo em vista uma negociação. Às vezes é conveniente trabalhar em forma individual, outras vezes as partes podem estar juntas, para que sejam asseguradas as conquistas obtidas. Então é importante ter habilidades e conhecimento sobre como fazer as intervenções. Na medicina, fala-se de medicina preventiva assistencial e de reabilitação. Ter conhecimento sobre como agir em cada uma dessas etapas, no caso de conflitos interpessoais, é importante para o pastor.

Ministério: *Existem técnicas ou métodos especiais de abordagem para a reconciliação?*

Dr. Mario: Sim, há muitos métodos. Alguns são essencialmente psicológicos, como interrogação, esclarecimento, que ajudam a clarear as coisas; redefinição, que oferece outras idéias possíveis acerca

do problema. Às vezes, a pessoa sob tensão não percebe outras possibilidades e alternativas. Há métodos de desafiar, estimular, e também de repreender. João Batista, por exemplo, repreendia muito duramente o povo impenitente dos seus dias. E note que ele trabalhava com militares, cobradores de impostos, políticos corruptos, como Herodes; porém, com outras personalidades mais débeis, é preciso usar outros métodos. Assim que o método é adaptável à personalidade. Jesus Cristo, por sua vez, tratou a mulher pecadora com muita doçura e ternura. Em nenhum momento a recriminou. Ela era uma mulher frágil. Se houvesse usado o método de João Batista, talvez a tivesse destruído. Há uma gama muito ampla de métodos a serem usados conforme os casos e as circunstâncias.

Ministério: *O senhor falou em etapas de um conflito. Quais são elas, e como o pastor deveria agir em cada caso?*

Dr. Mario: Numa etapa de prevenção e promoção da saúde mental, social e espiritual, convém que o pastor fale sobre esse assunto em seus sermões, ou organize seminários com a participação de especialistas, cursos sobre como resolver esse tipo de problemas, de enriquecimento da comunicação interpessoal e familiar. Isso impede que os ouvintes identifiquem as áreas de conflito porventura existentes entre eles e se previnam contra a sua explosão. Entretanto, quando o problema surge, embora seja uma etapa mais difícil, é importante intervir. Quando as emoções são muito fortes, a sugestão é trabalhar com cada uma das partes separadamente, promovendo uma catarse dessas emoções. Os envolvidos devem ser levados a focalizar sobre os benefícios da relação, não apenas no que ela trouxe de ruim. A partir daí, deve-se incentivar a confissão de erros cometidos, o arrependimento, o perdão, a eliminação do ressentimento. Às vezes, a situação deságua num rompimento. Nesses casos, tem lugar a medicina de reabilitação, de forma que o passado não se constitua eternamente uma ferida que impeça novas iniciativas. A vida deve continuar em qualquer situação.

Ministério: *Há um momento em que o ministro deve se dar por vencido, admitindo a impossibilidade da reconciliação, ou ela tem que ser conseguida?*

Dr. Mário: Em última instância, são as partes envolvidas no conflito que devem tomar a decisão de uma reconciliação. Elas estão diante de uma encruzilhada – separação ou rompimento – e o pastor é um conselheiro e orientador. O que se busca é uma tomada de decisão consciente, que não seja movida pelos impulsos e pelo calor das emoções. Se, finalmente, não desejam a reconciliação, o pastor deve estar tranqüilo de que fez a sua parte. Caso o problema tenha acontecido entre cônjuges, eles podem se comportar civilizadamente, tratando-se com respeito, sem raiz de amargura que afete outras pessoas.

Ministério: *Perdão e reconciliação são a mesma coisa?*

Dr. Mário: Às vezes são tidos como uma só coisa. Eu creio que, às vezes, os termos podem inter-cambiar-se. Mas penso que o perdão está mais no âmbito da alma, no interior da pessoa; o termo usado é intrapsíquico. Porque o perdão me tranqüiliza. Ainda que o outro não entenda o meu perdão, nem mesmo o aceite, se eu posso perdô-lo, vou me sentir bem, vou ter paz interior. A reconciliação está mais no campo dos vínculos, das relações interpessoais. É voltar a conciliar a relação; está mais no campo social.

Ministério: *Mas seria aceitável o perdão sem reconciliação?*

Dr. Mário: Às vezes isso acontece. A pessoa cede no ódio, rancor ou na raiva que tem em relação à outra, perdoa e se sente bem, mas não está disposta a continuar o relacionamento. Às vezes há perdão e reconciliação, que é o ideal. E também pode acontecer o inverso: reconciliação sem uma expressão clara de perdão, ainda que ele pareça implícito. As pessoas apenas propõem que se esqueça o passado e vão em frente.

Ministério: *Em casos de infidelidade conjugal, às vezes, a vítima não consegue perdoar e, evidentemente, não se mostra disposta a reconciliar. Até onde o pastor deve insistir?*

Dr. Mário: É preciso ter uma estratégia direcionada para que a pessoa possa elaborar esse tipo de frustração e perda, talvez, tão doloroso quanto o luto. É preciso fazer ver que a parte culpada tem o perdão de Deus,

caso se arrependa sinceramente, e também precisa do perdão do cônjuge ofendido. Às vezes é necessário tempo, pois nem todas as pessoas processam essas experiências traumáticas tão duras da mesma forma. Alguns necessitam de mais tempo para que as feridas sejam cicatrizadas, e, quem sabe, por aí seja conseguida a reconciliação.

Ministério: *Aliás, a questão do tempo para a reconciliação não é exclusividade de um conflito conjugal dessa natureza. Em outros tipos de conflito, nem sempre a vítima está disposta a perdoar e reconciliar-se imediatamente.*

Dr. Mário: Sim. Uns processam essas experiências mais rapidamente do que outros. Demasiada rapidez, nesses casos,

É preciso encarnar a Palavra, de maneira que o povo saiba e sinta como ela funciona, de fato, no dia-a-dia.

também preocupa um pouco. Quem sabe, pode ser fruto do impulso, uma atitude que não foi bem pensada. Com certa frequência, as pessoas voltam atrás de uma decisão tão rapidamente quanto a tomaram. Isso é uma questão que deve ser aprofundada, para que a pessoa esteja certa do que vai assumir realmente. Há muitas manifestações falsas de perdão e de reconciliação.

Ministério: *Às vezes, um membro da igreja ofende o pastor. Ele é um líder, um guia espiritual, mas também tem sentimentos. O que o senhor aconselharia?*

Dr. Mário: Sim, o pastor também é uma pessoa humana, sendo sujeito (e objeto) a esses casos. Ele deve ter a coragem e humildade cristã para administrar o assunto pessoalmente. Ou pode depender de uma terceira pessoa, neutra, para ajudá-lo e à outra parte. Não é uma situação muito fácil, porque realmente existe uma relação assimétrica entre o pastor e a igreja, mas não é um problema insolúvel. O princípio exposto em Mateus 18 é psicologia prática; ali há muita sabedoria. Primeiro, as duas partes conflituosas devem tentar resolver o proble-

ma entre si. Se isso falhar, deve-se buscar outros reconciliadores. Caso também isso não represente sucesso, então a comunidade deve tratar o problema e pôr um limite à situação, porque também nas relações pessoais as questões pendentes fazem mal à saúde mental do indivíduo e da comunidade. É preciso acabar com o problema e tocar a vida.

Ministério: *Algumas pessoas acham que o processo de disciplina eclesial humilha o transgressor, ao expor o seu erro, dificultando assim a reconciliação com a comunidade. O que o senhor acha disso?*

Dr. Mário: Esta é a terceira instância, segundo Mateus 18. Antes dela, houve a instância interpessoal e a tentativa de reconciliação com mediadores. Esta é uma instância que eu chamaria de jurídica, quando é preciso tomar uma decisão, depois que as instâncias anteriores não tiveram êxito. Evidentemente, a disciplina é dolorosa, um caminho difícil de ser seguido. Há pessoas que a aceitam, e outras que não a aceitam e ficam revoltadas, vendo nisso um motivo para deserção. Pelo menos, o pastor deve estar seguro de que foram dados todos os passos anteriores, com muita prudência e, sobretudo, muito amor. E não esquecer de que a disciplina é um ato de amor e tem como objetivo salvar.

Ministério: *Se o senhor tivesse somente uma chance de aconselhar um pastor, o que lhe diria?*

Dr. Mário: Acredito que o pastor está exercendo constantemente seu ministério de reconciliação; afinal, é o pressuposto bíblico. Então que continue pregando, aconselhando, confortando, animando, partilhando a alegria da salvação. Que leve em conta os aspectos pessoais, práticos, do dia-a-dia dos membros de suas congregações. As pessoas vão à igreja com seus problemas e angústias, e muitas vezes ouvem uma mensagem profundamente teológica, postulados doutrinários, promoções; tudo isso é correto. Mas nem sempre atende às necessidades vitais de cada um. É preciso encarnar a Palavra, de maneira que o povo saiba e sinta como ela funciona, de fato, no cotidiano. E os benefícios que podem tirar disso para a solução de seus problemas. É um privilégio ser ministro de reconciliação. E também uma grande responsabilidade. Mas Deus pode e deseja ajudar cada pastor a cumprir essa tarefa. □

Servindo pela graça

ANAMÍ AZEVEDO OLIVEIRA

Secretária na Associação Mineira
Central da IASD



Já teve você o dissabor de ouvir expressões tais como: "Você não consegue fazer nada direito", ou "você não serve para nada"? Já disse ou pensou a mesma coisa, em relação a alguém? São frases precipitadas, que revelam o desconhecimento de que, no íntimo de cada ser humano criado à imagem e semelhança de Deus, há uma vocação esperando ser descoberta. Deveríamos nos empenhar em ajudar às pessoas no sentido de descobrirem tal vocação. Afinal, cada cristão chamado a ser um discípulo possui o desejo de fazer algo para seu Mestre. Mesmo que alguém, com certa dose de complexo de inferioridade, imagine-se incapaz de fazer alguma coisa na igreja, é nosso dever mostrar-lhe justamente o contrário. Até porque o serviço prestado em favor da missão salvadora é um privilégio da graça de Deus concedida a Seus filhos.

O chamado e capacitação

Nos escritos de Paulo a graça e a vocação missionária estão juntas. É assim que ele escreveu aos efésios: "E a graça foi concedida a cada um de nós segundo a proporção do dom de Cristo. Por isso diz: Quando Ele subiu às alturas, levou cativo o cativo, e

concedeu dons aos homens. E Ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas, e outros para pastores e mestres." (Efés. 4:7, 8 e 11).

O próprio apóstolo Paulo associa o seu desempenho missionário à graça de Deus: "Mas, pela graça de Deus, sou o que sou; e a Sua graça, que me foi concedida, não se tornou vã, antes trabalhei muito mais do que todos eles; todavia não eu, mas a graça de Deus comigo." (1 Cor. 15:10).

Além do perdão e da salvação que nos possibilita, a graça também significa força e poder para o serviço de Deus. Ele pode tomar nossas limitações e transformá-las em grandes potencialidades. Nossa parte é simplesmente colocar-nos sobre o Seu altar, da maneira como somos. O Senhor nos escolheu e espera que realizemos grandes coisas para Ele. Isso significa, muitas vezes, tarefas altamente desafiadoras. No entanto, Sua graça nos capacitará a executá-las.

Quando aprendemos a depender da graça divina também no que tange à realização das tarefas a nós confiadas, em lugar do cansaço e do estresse, receberemos vigor e disposição renovada para cumprir o Seu querer.

Disponibilidade e humildade

Qualquer pessoa que tenha consciência do chamado divino deve atendê-lo com prontidão, confiando em Sua providência. Qualquer demora pode representar uma brecha por onde o inimigo poderá encontrar uma chance de agir, levando-nos à frustração e à derrota. Moisés recebeu o melhor preparo intelectual dos seus dias, nas universidades do Egito. Tinha tudo para ser um dos faraós da nação. Mas, ao receber o chamado de Deus preferiu juntar-se aos humildes hebreus, mostrando-se consciente do dever.

Além dessa disponibilidade, cada indivíduo deve compenetrar-se de suas fraquezas e deficiências, para que receba o auxílio de Deus. "A mim, o menor de todos, me foi dada esta graça de pregar aos gentios o evangelho das insondáveis riquezas de Cristo." (Efés. 3:7 e 8), reconheceu Paulo.

E mais: "Rogo-vos, pois, eu, o prisioneiro no Senhor, que andeis de modo digno da vocação a que fostes chamados,

com toda humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros em amor, esforçando-vos diligentemente por preservar a unidade do Espírito no vínculo da paz." (Efés. 4:1 a 3).

Jamais devemos nos esquecer de que Moisés possuía cultura, autoridade e força, mas é mencionado nas Escrituras como sendo um homem "mui manso, mais do que todos os homens que havia sobre a Terra" (Núm. 12:3). Todos, homens e mulheres, que desejam ser úteis à Causa de Deus devem ser adestrados pela mais severa disciplina mental e moral. E Deus os ajudará em seus projetos, bem como no desempenho do seu ministério, unindo o poder divino ao esforço humano.

Motivação correta

Cada filho de Deus recebe pelo menos um dom, além de uma considerável porção da graça divina, a fim de que seja capacitado a desenvolvê-lo e usá-lo para a Sua glória. Mas há pessoas que demoram-se em descobrir essa verdade, simplesmente porque hesitam quanto a uma entrega total e plena. A não ser que mudem de atitude, jamais poderão sentir o poder de Deus operando em seu ser, através do dom outorgado.

Na parábola dos talentos, contada por Jesus Cristo, um dos servos tomou o talento que lhe fora dado e o escondeu, com medo do seu senhor. No momento do acerto de contas, o talento foi-lhe tomado e entregue a um outro servo que já tinha outros. A parábola é concluída com estas palavras: "Portanto, a todo o que tem se lhe dará em abundância; mas ao que não tem, até o que tem lhe será tirado." (Mat. 25:29).

O sentimento que deve nos motivar para o serviço não é o temor das conseqüências de haveremos negligenciado o uso dos dons, mas o desejo de sentir a operação da graça divina através de nós, em benefício da salvação de outras pessoas, em qualquer lugar ou função para a qual Deus nos chamar. Simplesmente devemos atendê-Lo, e Ele nos indicará os caminhos pelos quais devemos nos conduzir.

Não existem pessoas insignificantes na Causa de Deus. Ele tem um plano especial para nossa vida. E podemos cumpri-lo mediante a Sua graça. □

O adolescente e a Igreja

MARENOS SCHMIDT

Pastor e psicólogo, professor no Instituto Adventista de Ensino, campus de São Paulo



William

O adolescente é parte vital na existência da Igreja. Até poderíamos dizer que eles são "a Igreja". O convite: "Deixai vir a Mim os pequeninos", feito por Jesus Cristo, e as reflexões do pregador no livro do Eclesiastes: "Lembra-te do teu Criador nos dias da tua mocidade", são as expressões mais claras da importância de incorporá-los à Igreja.

Ellen White, por sua vez, adverte: "Não se passe por alto a juventude; compartilhem eles do trabalho e da responsabilidade. Sintam caber-lhes uma parte a desempenhar no ajudar e beneficiar a outros. As próprias crianças devem ser ensinadas a fazer pequenos serviços de amor e misericórdia em favor dos menos afortunados.

"Concebam os supervisores da igreja planos por cujo meio os jovens possam ser adestrados no emprego dos talentos que lhes foram confiados. Busquem os membros mais idosos da igreja trabalhar dedicada e compassivamente em prol das crianças e jovens. Apliquem os ministros todo o seu engenho na idealização de planos em que os membros mais jovens possam ser induzidos a com eles cooperar no trabalho missionário. Mas não imaginem que possam despertar-lhes o interesse simplesmente com pregar um sermão longo na reunião missionária. Imaginai planos que despertem vivo interesse. Tenham todos uma parte para desempenhar." (*Testemunhos Seletos*, vol. 3, págs. 68 e 69).

Porém, todo chamado à juventude deve ser feito com uma disposição de realmente integrá-la; e não simplesmente com o objetivo de mantê-la dentro da comunidade. Isto é, deve permitir e dar oportunidade para que meninos e meninas participem, no mais amplo sentido do termo, do movimento mais importante da história da humanidade.

Época marcante

Esse período de desenvolvimento é muito especial tanto em quantidade como em qualidade, e denomina-se adolescência porque significa crescimento. É lógico pensar que só cresce quem pode; porém, todos nós podemos crescer na experiência cristã, e isso depende de nossa vontade. Assim, nossa maior preocupação no trabalho com os adolescentes é levá-los a um encontro pessoal com Cristo. Sem jamais esquecer desse aspecto, devemos lembrar também que a nossa espiritualidade é o modelo para quem está em busca de paradigmas para a existência. Além disso, os

adolescentes são um grupo solidário em busca de amizade em todos os momentos possíveis da vida.

A presença dos adolescentes na igreja é, sem sombra de dúvida, um símbolo de vitalidade e uma manifestação de alegria. Portanto, ela deve estar preparada para receber esse grupo tal qual é, com suas características próprias. Devemos ter mente aberta e espírito fraterno para entender seu desenvolvimento, o qual pode trazer conflitos, e até perturbação da ordem, pelo excesso de vitalidade. Entretanto, a igreja deve fazer parte do processo educativo e formativo dos adolescentes, que também são parte do corpo de Cristo, até que eles alcancem um equilíbrio harmônico entre seus membros.

A qualidade desse período é muito importante porque é exatamente nele que o jovem toma as maiores decisões de sua vida. Essas decisões vão desde a escolha profissional, estudos e namoro, até os ideais mais supremos. É exatamente nesse momento que a igreja deve marcar sua presença, apoiando e orientando quanto à ética e à conduta cristãs.

Plano necessário

Pensando nesses valores, é muito importante que o adolescente tenha um programa bem elaborado, de qualidade, formando assim um grupo estruturado com os mesmos interesses. Isso ajudará, não apenas na organização dos programas da igreja local, bem como na solidificação espiritual desses jovens membros. É nesse momento que os valores e os dons são descobertos e desenvolvidos, com os quais não somente a Igreja será beneficiada, mas também a sociedade; porque aqueles que recebem uma forma-



dade coerente com os princípios cristãos. Nessa época da vida, são grandes os conflitos entre o ser e o não ser, o fazer e o não fazer, o certo e o errado, o escolher e o não escolher, e muitos outros. Assim, a autoridade deve ser usada com coerência, paciência e amor.

A orientação dada por Ellen White em relação ao bom trato com as crianças, por parte dos ministros, também é válida para com os adolescentes:

“Que a bondade e cortesia do ministro se manifeste no trato para com as crianças. Convém que tenha sempre em mente que os mesmos são homens e mulheres em miniatura, membros mais novos da família do Senhor, os quais podem estar bem achegados e ser mui caros ao Mestre e, caso sejam devidamente instruídos e disciplinados, ser-Lhe-ão de utilidade, mesmo em seus tenros anos. Cristo Se ofende com toda palavra áspera, severa e inconsiderada dirigida às crianças. Seus direitos nem sempre são respeitados, e são muitas vezes tratadas como se não possuíssem um caráter individual que necessita ser devidamente desenvolvido a fim de não ficar prejudicado e o desígnio de Deus em sua vida vir a falhar.” (*Testemunhos Seletos*, vol. I, pág. 528).

Além das qualidades anteriormente mencionadas, o líder de adolescentes precisa ter como alvo buscar a Jesus Cristo como seu próprio modelo de vida, a fim de que seus liderados percebam a sinceridade de seus propósitos. Acima de tudo, que ele tenha amor e saiba expressar esse dom aos adolescentes, mesmo em momentos de rebeldia e dificuldade. Em todo o momento, deve ser o elemento pacificador, com energia suficiente para ajudar o grupo a escolher um bom caminho, devendo sempre promover uma autêntica experiência cristã, nunca divorciada do conhecimento das Escrituras.

Um programa direcionado aos adolescentes precisa ser a preocupação de todos nós. É extremamente necessário e não deve ser desenvolvido de uma forma particularizada ou unilateral. Requer-se o envolvimento total da Igreja, para que, como corpo de Cristo, esteja coerente com sua missão de salvar também os membros que se encontram na adolescência. □

ção dentro de uma comunidade cristã, e têm possibilidades de desenvolver seus dons, distinguem-se naturalmente como líderes na sociedade.

A Igreja deve permitir, em sua estrutura representativa, que tais jovens façam parte das comissões, para que possam compreender sua ordem e seus valores. Com isso, aquela atitude negativa e de rebeldia, natural nessa faixa etária, estará se transformando numa disposição positiva que contagiara os demais, promovendo assim uma atitude de colaboração e serviço. Muitas igrejas, hoje, estão à procura de líderes; e não os encontram, porque não lhes foi permitido desenvolverem-se quando na adolescência.

A estrutura organizacional parece que tem deixando de lado essa fase do desenvolvimento humano. Temos um programa bem estruturado na Escola Sabatina, bem como em todos os demais setores, que atende desde o recém-nascido até os juvenis, e prossegue com os jovens e adultos. Os adolescentes são esquecidos, não havendo nenhum programa específico para

eles, a não ser a lição da Escola Sabatina.

O Departamento de Desbravadores também não atinge esse grupo, pois a maioria dos membros de um clube encontra-se entre a faixa dos 10 e 13 ou 14 anos. Os jovens tampouco aceitam os adolescentes por considerá-los muito infantis. Nos juvenis ou desbravadores, os adolescentes, por sua vez, não querem estar deitado à infantilidade do programa.

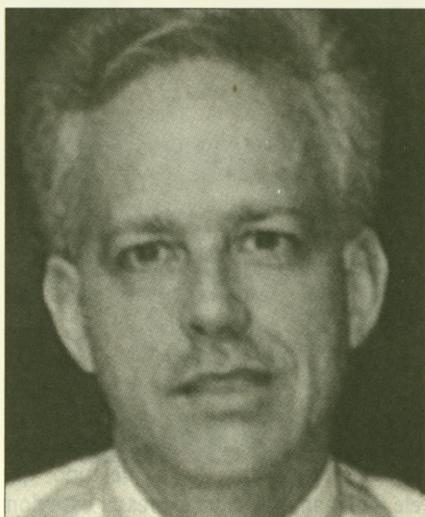
Um líder

Porém é nessa época da vida que se requer uma orientação segura de um dirigente ou líder com integridade e capacidade suficientes para ajudá-los a se integrar ao programa denominacional com responsabilidade e dedicação. Não deve ser uma liderança ou um programa do tipo autocrático, que não leve em conta a delegação de atividades, ou não dê oportunidades nem se permita a iniciativa dos garotos e garotas. Esse líder precisa ser um tipo democrático, diante de quem as aspirações do grupo possam ser trabalhadas e praticadas, permitindo a formação de uma personali-

Apocalipse atualizado

BRUCE NORMAN

Ph.D., professor de Novo Testamento e Teologia Sistemática na Universidade Adventista do Sul, Collegedale, Tennessee, Estados Unidos



O livro de Apocalipse é difícil de ser compreendido. Ele nos coloca diante de dragões, bestas, pragas, trombetas, uma mulher vestida do sol com a lua debaixo dos pés e uma coroa de doze estrelas, o número 666, a marca da besta, anjos voando com livros, pragas derramadas de taças por anjos, outra mulher montada numa besta, vestida de púrpura e escarlata e embriagando-se com o sangue dos santos; um rei vindo adornado com vestes banhadas em sangue, entre outras coisas.

Essas imagens nos fazem lembrar não apenas que o Apocalipse é um livro difícil,

mas que também é diferente. Como resultado, o livro é de certa forma preterido ou apresentado de tal maneira que deixa os ouvintes confusos.¹

Para muitos, a palavra Apocalipse, cujo significado é "revelação", tem-se tornado o Apócrifo, que significa "desconhecido".²

Se o livro é tão difícil para cristãos, quão mais difícil é para pessoas de mentalidade secular que têm tido muito pouco contato com nossa compreensão de cristianismo! Como podem tais pessoas, que vivem num mundo científico e, frequentemente, anti-religioso, serem receptivas a qualquer benefício advindo do emaranhado de imagens que aparece neste livro?

Este artigo pretende mostrar que o livro do Apocalipse tem alguma coisa a dizer à mente secular, que sente terem a ciência e o humanismo falhado em responder suas questões sobre identidade, significado e propósito da vida. Nossa era de ciência tem-se caracterizado por uma proliferação de astrólogos, videntes, médiuns e outros "profetas dos últimos dias", que pretendem saber o futuro, mas com pífios resultados satisfatórios. Isso nos leva a entender o livro do Apocalipse como sendo de vital interesse para a mentalidade secular, como o próprio livro se identifica (Apoc. 1:1, 10 e 19), tratando exclusivamente do que acontecerá nos últimos dias.

Entretanto, a tarefa de partilhar a mensagem do Apocalipse não é fácil. Torná-la significativa para a mente secular requer uma preparação dupla. Primeiramente, uma familiaridade com a mensagem fundamental do livro. Depois, uma compreensão da cultura com a qual desejamos nos comunicar. Então, sugerimos alguns caminhos específicos pelos quais a mensagem

do Apocalipse pode ser usada para satisfazer as necessidades da mente secular e encaminhá-la a Cristo.

O fundamento

O tema preponderante do Apocalipse é a centralidade de Cristo e Seu amor que redime, julga, e estabelece o reino de Deus. O tema é colocado dentro da perspectiva do propósito moral da profecia.

A centralidade de Cristo. A pessoa de Cristo é de suprema importância para o Apocalipse. Mesmo os capítulos nos quais figuras e símbolos parecem predominar, nos quais os juízos cataclísmicos de Deus prendem a atenção, Cristo permanece como o foco central (Apoc. 4:5; 14:6-20; 19:11-21). Ele é o árbitro do destino da Igreja e do cosmo.³

A própria estrutura do livro enfatiza a importância de Cristo. Depois da seção introdutória (Apoc. 1:1-8), a primeira visão não é uma consideração sobre as terríficas e destrutivas forças do mal, mas sobre Cristo andando por entre os castiçais, velando por Sua Igreja (Apoc. 1:9-20). Cada coisa que se segue, a partir daí, está relacionada de uma maneira ou de outra com a primeira visão de Cristo.

A referência ao santuário não pode ser deixada de lado. A presença de Deus ali assegura salvação ao Seu povo. Esse Cristo caminhando no meio dos castiçais indica Sua constante vigilância pela segurança e pureza de Seus filhos. Nada acontece em relação a eles que Cristo não saiba ou não tenha sob controle. Há uma segurança de que o mundo não está fora de controle, movendo-se desgovernado em direção ao caos. Não precisamos temer o futuro, porque Cristo nos tem em Suas mãos (vs. 16 e 20) e Deus está conduzindo o futuro.



A. Rios

Três grandes temas. A partir da centralidade de Cristo emergem três grandes assuntos no Apocalipse. O primeiro é a redenção.⁴ Esse assunto nos faz lembrar o real cuidado de Deus por nós. Ele enviou Seu Filho para morrer em nosso lugar, a fim de que pudéssemos ter vida. Na cruz, encontramos nosso valor. E esse é um assunto de vida ou morte (vs. 5 e 6).

O segundo tema, igualmente importante, é o do julgamento. Independente de como aparecerão no momento do juízo, homens e mulheres terão de ser responsáveis por seus atos. Mas esse não é um tempo para alimentar temor, porque é aí quando Cristo, em virtude de Seu amor por nós, dá a Seus santos a herança, cobrindo-lhes com Sua vida, enquanto ao mesmo tempo destrói aqueles que tentam destruir o povo de Deus (Apoc. 11:18). O Senhor provê a habilidade e o poder a fim de que todos experimentem mudança de caráter, considerando que, em Seu reino, não pode haver indivíduos imorais (Apoc.

21:6-8). Noutras palavras, toda injustiça que teve lugar aqui no mundo, será vindicada por Deus (Apoc. 18:6-8; 19:1-3).

Intimamente relacionado com esses dois temas está o estabelecimento do reino de Deus. Isso significa uma nova Terra, na qual o relacionamento com o Senhor, com o semelhante, com nós mesmos e com o mundo estará novamente equilibrado (Apoc. 21 e 22). Esse reino nos fala que a vida humana tem um alvo e um propósito.

O fato de que Cristo é o centro do Apocalipse possibilita-nos uma luz muito clara sobre o propósito da profecia. Embora seja importante compreender os símbolos e seu significado em relação ao futuro, o Apocalipse não nos fala apenas sobre os eventos dos últimos dias. Ele nos dá uma oportunidade para crescimento espiritual.

O apóstolo Pedro (II Ped. 1:19-21) nos assegura que a profecia foi dada a fim de preparar-nos para o advento de um novo dia, quando raiará a "Estrela da Manhã". Essa estrela não é outro senão o próprio

Cristo (Apoc. 22:16). Assim, o foco principal da profecia não é apenas prever o futuro (embora isso seja parte do processo), mas restaurar o caráter de Cristo em nós, de modo que sejamos tal qual Ele é, quando Se manifestar em glória.

Esse é o propósito moral da profecia.⁵ Em outras palavras, ao estudar e compreender a profecia, devemos ser levados a viver uma vida ética, durante a qual a permanente mudança de caráter não apenas é possível, mas exequível através das mudanças que o poder de Deus pode operar. Os santos, como apresentados na profecia apocalíptica, são pessoas morais e éticas, que são transformadas por Cristo para serem semelhantes a Ele e que herdaram o reino que Lhes foi preparado, em virtude de que têm o nome (caráter) de Deus escrito em sua fronte (vs. 1-5).

Com esta compreensão da mensagem básica do Apocalipse, vamos voltar à segunda parte de nossa tarefa: compreender a cultura secular que estamos tentando alcançar.

Compreendendo a mente secular

A mente secular prende-se a muitas questões relacionadas à existência, significado, propósito e espiritualidade da vida humana. Quem sou eu? Faz alguma diferença saber quem eu sou? Há qualquer coisa em que eu posso acreditar? Se eu morresse hoje, alguém se importaria, ou mesmo cuidaria disso? São os meus dias dedicados apenas a trabalhar e ganhar dinheiro para gastar em coisas que não podem me ajudar a identificar minha própria verdade? Qual o significado e propósito da vida? Qual é o seu alvo?

Tais questões envolvem identidade, existência e sobrevivência. A mente secular está desiludida porque não pode encontrar respostas adequadas nas conquistas científicas ou nos lauréis humanistas. O cristão tem a oportunidade de respondê-las e efetivamente falar a tais mentalidades. As respostas, no entanto, não podem vir no contexto de uma fórmula científica estéril ou uma ênfase intelectual sobre o significado de uma linguagem simbólica. Essas coisas são rejeitadas pela mente contemporânea, como sendo respostas irrelevantes para questões que não estão sendo levantadas.

Por isso, tais preocupações devem ser respondidas dentro do contexto de espiritualidade e ênfase ética sobre desenvolvimento do caráter e o correspondente poder para efetuar-lo. Ao partilharmos o livro do

Apocalipse, devemos ter conhecimento das profundas necessidades da mente secular, a fim de que elas sejam plenamente satisfeitas. Tudo aquilo que for apresentado deve transformar vidas, permanentemente, e dar uma identidade pessoal. A mentalidade secular necessita ver a relevância da profecia para a vida individual, e como viver isso agora, transformada pelo poder de Cristo.

Apocalipse e secularismo

O livro do Apocalipse é mais que adequado para tratar com as questões fundamentais levantadas pela mente contemporânea. Essas questões podem ser reunidas em três categorias básicas: conhecimento da verdade absoluta, significado da vida, identidade e propósito.

É impossível conhecer a verdade absoluta, segundo a mentalidade secular. Conseqüentemente, a pergunta: "Há qualquer coisa em que eu possa acreditar?" não pode ser respondida. Entretanto, o Apocalipse aponta Deus como Alguém em quem podemos colocar nossa absoluta confiança. Ele é o Alfa e o Ômega (Apoc. 1:8; 21:6), o Princípio e o Fim. Ele tem as chaves da História, conhecendo o passado, o presente e o futuro. Um estudo da História confirmará as grandes profecias contidas no livro, mostrando que existe verdade absoluta em Deus. O que Ele diz cumpre-se perfeitamente.

O Apocalipse está interessado na vida; não apenas a vida social e econômica, mas, sobretudo a vida espiritual, uma das principais questões da mentalidade contemporânea.⁶ O Apocalipse apresenta dois atos de Deus, que dão significado à existência humana: criação e redenção, com uma esmagadora ênfase sobre a verdade absoluta deste último fato.⁷ Se Deus não existe como verdade absoluta, então devemos concluir que tudo está perdido porque o mundo estará entregue às forças destrutivas do mal. Mas Deus não nos abandonou. Todavia, para que o mal seja erradicado, Ele deve prover uma forma que impeça o homem de continuar produzindo os meios de sua própria destruição. Deve encontrar um meio de libertá-los da tirania das forças demoníacas (Apoc. 15; 16; 19-22).⁸ E essa é precisamente a verdade que o Apocalipse tenta mostrar. Deus extinguirá o mal. Podemos confiar plenamente nisso, porque Ele já enviou Seu Filho para tratar com o pecado, e morrer, a fim de que pudéssemos ter vida.

A ênfase sobre a criação do mundo por

um Deus pessoal e onipotente, que também superintende o cosmo, explica a ordem e designio existentes no Universo. E também nos dá uma idéia da resposta à pergunta: "Quem eu sou?" Esse Deus Criador, nos lembra que significamos alguma coisa para alguém. A criação nos dá uma identidade pessoal, em oposição à visão moderna que concebe o ser humano como um organismo biológico lutando pela sobrevivência. O livro do Apocalipse nos diz que somos a coroa da criação de Deus e, como tal, possuímos valor intrínseco.

O mundo secular também nos vê como brinquedo das circunstâncias, não tendo, dessa forma, nenhuma responsabilidade por nossos atos de violência contra o próximo. Esmagamos qualquer um que se interponha em nosso caminho, para deixar nossa marca no mundo. Isso nos leva a ver os semelhantes como coisas que precisam ser conquistadas, ao contrário de seres humanos que possuem valor. Uma pessoa é boa apenas enquanto podemos usá-la. Mas o Apocalipse nos lembra que somos seres éticos, iniciadores de nossas próprias ações, com plena responsabilidade pelos resultados dessas ações. Criados à imagem de Deus, devemos tratar nossos semelhantes como Ele nos trata. Não estamos aqui para usar e abusar dos outros, em função dos nossos interesses egoístas. Estamos aqui para nos relacionarmos com as pessoas, como realmente são — criadas por Deus e valiosas à Sua vista.

O Apocalipse também nos ensina que, para sermos independentes, devemos antes ser dependentes. Autonomia não é a nobre característica que os modernos pensadores querem fazer ser. Vivemos em conexão com nossos semelhantes e com Deus, que supre as nossas necessidades. Somos valiosos porque pertencemos a Ele. Seu caráter é nossa norma. Assim, a visão apocalíptica outorga grande significado à existência humana, excelência à vida humana, responsabilidade às suas escolhas, e grande importância ao caráter humano.¹⁰

Identidade pessoal e propósito da vida estão inter-relacionados. O primeiro aspecto é confirmado pelo fato de que o Cordeiro que traz o livro em Sua mão é o mesmo que foi morto por nós, desde a fundação do mundo (Apoc. 5:6-14). A cruz acentua nosso valor. Faz alguma diferença se nós morremos? Para o livro do Apocalipse, a resposta é um contundente "sim". Alguém se importa com isso? Novamente,

sim. Cristo Se importa bastante, não apenas ao morrer por nós, mas também ao continuar ministrando em nosso favor. Ele Se importa muito. Tanto que nos adverte sobre a vinda do Seu juízo, a fim de que estejamos preparados (Apoc. 18:1-14).

Ele imprime um propósito em nossa vida, ao nos fazer sacerdotes em Seu reino, com o expresso objetivo de partilhar Seu amor "a cada nação, e tribo, e língua e povo". Iremos onde Ele vai, para onde Ele nos mandar e onde Ele vive. Estamos aqui com um propósito e devemos cumpri-lo fielmente. O alvo supremo da vida é ver a Deus face a face (Apoc. 22:4). Seremos semelhantes a Ele, não por causa do que somos, mas em virtude do que Ele é. Isso nos dá real esperança. Esperança por algo melhor, esperança de permanente transformação, esperança pelo futuro.

Além dos símbolos

Dragões, bestas, pragas, número 666 e trombetas podem ser, e são, assuntos relevantes para a mente secular. Tudo isso pode ser apresentado com fervor e poder evangelísticos. Mas deve ser feito com tal sensibilidade pelas necessidades humanas, que leve em consideração tanto a mensagem do Apocalipse como o ambiente cultural do mundo secular.

A ênfase deve ser sobre Cristo, o personagem central do livro. Necessitamos ampliar o propósito moral da profecia. Nossa pregação não deve se limitar à explicação dos símbolos, embora isso certamente seja parte da mensagem. A pregação deve focalizar a transformação no comportamento ético que Cristo pode e deseja realizar em cada crente. O estudo da profecia deve conduzir à transformação do caráter, e não somente ao estímulo intelectual. Para alcançar a mentalidade secular com a mensagem profética, devemos ampliar não somente sua mecânica, mas enfatizar a mudança de vida que ela opera. □

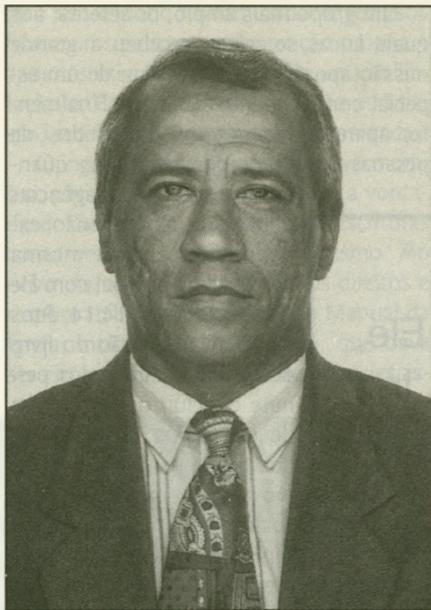
Referências

- 1 William Barclay, *The Revelation of John*; Philadelphia, Westminster Press, 1960, vol. 1, pág. 20.
- 2 Henry Morris, *The Revelation Record*; Wheaton, Ill.: Tyndale House Publishers, 1983, pág. 20.
- 3 Merril C. Tenney, *Interpreting Revelation*; Grand Rapids, Eerdmans, 1970, págs. 29 e 117.
- 4 *Ibidem*, págs. 29 e 30.
- 5 Louis Wery, *The Moral Purpose of Prophecy*; Berrien Springs, MI, 1981.
- 6 Merril Tenney, *Op. Cit.*, pág. 23.
- 7 Beatrice Neall, *The Concept of Character in the Apocalypse With Implications for Character Education*; Washington, D.C., Imprensa da Universidade da América, 1983, pág. 203.
- 8 G. B. Caird, *A Commentary on the Revelation of St. John the Divine*; Nova York, Harper and Row, 1966, págs. 295 e 296.
- 9 Beatrice Neall, *Op. Cit.*, págs. 196 e 197.
- 10 *Ibidem*, págs. 184, 205 e 206.

Jesus e o discipulado

RAFAEL LUIZ MONTEIRO

Diretor de Ministério Pessoal da Associação Amazônia Ocidental



AFC

Tem Sua aparência, Jesus apresenta certa semelhança com os escribas. Ensina cercado pelo circuito de Seus discípulos, disputa acerca da interpretação da Lei, é abordado para tomar decisões judiciais (Luc. 12:13; Mar. 12:13; João 7:53; 8:11). Prega na Sinagoga. É interpelado com o nome de Rabi (Mar. 9:5).

Ele agiu como um rabino do Seu tempo e correspondia às indagações que lhe faziam como um Rabi. Embora alguns não O reconhecessem como tal, por não haver

passado por uma escola rabínica. Portanto, Jesus não era considerado um teólogo de profissão, mas um "carismático" (Mar. 1:22); e o juízo mais claro formulado sobre Ele foi de que era um profeta. É isso que ecoa entre o povo (Mar. 6:15; 8:28; Mat. 21:11; Luc. 7:16; João 4:19; 6:14; 7:40) e, até mesmo, nos círculos dos fariseus. Os discípulos viram nEle um profeta. E finalmente foi como "falso profeta" que foi acusado e preso.

Mas em Jesus distingue-se o discipulado além daquilo que era visto nos rabinos de Seu tempo. O que fazia a diferença era o chamado (Luc. 5:1-11) que Ele fazia aos indivíduos para serem Seus discípulos. Nas escolas rabínicas, a voluntariedade era a marca. Cristo lançou mão da iniciativa de chamar as pessoas para o discipulado.

O Mestre e os mestres

Outro aspecto distintivo entre Jesus e os rabinos é o fato de que o aprendiz rabínico se apegava pessoalmente ao mestre e esperava ensinamentos objetivos, visando ele mesmo, mais tarde, se tornar rabino e mestre. Mas quanto a Jesus, a questão não se limitava a um relacionamento de aprendizagem apenas, do qual o discípulo poderia separar-se como mestre (Mat. 23:8; Luc. 6:40).

O discipulado de Cristo é para a vida inteira, e de modo incondicional (Mat. 10:24 e 25). Ser um discípulo de Jesus equivale a entregar a vida por Ele, fazer Sua vontade, segui-Lo, ir após Ele, aceitando a situação de renúncia, perambulando com Ele. Nesse sentido, Seu discipulado se coloca acima do método dos rabinos. E mais: Ele rompeu a barreira dos puros e impuros, dos pecaminosos e obedientes. Chamou

representantes de todas as classes: publicanos, pescadores, cegos, aleijados, endemoninhados, ricos, jovens, empresários, funcionários públicos, soldados do templo, guerrilheiros, soldados romanos, mulheres e crianças.

O chamado de pecadores e publicanos confere a Jesus o crédito de seriedade de Seu discipulado. Seus discípulos eram convidados a abandonar suas antigas associações, pois Ele conhecia bem a natureza humana. O chamado para Seu discipulado era também para o serviço. Discípulos deviam ser "pescadores de homens" (Mar. 1:17; Luc. 5:30). Tal serviço envolvia sofrimento, assim como o próprio Mestre sofrera (Mar. 10:32). O discípulo não poderia esperar melhor sorte que a de seu Mestre (Mat. 10:24 e 25; 16:24 e 25). Pelo exemplo, Jesus deixou a marca de Seu discipulado.

O discipulado de Cristo contém todos os elementos persuasivos para o mesmo exercício na igreja moderna. Era completamente diferente dos rabinos de Seu tempo. Para ter acesso a uma escola rabínica e sentar-se aos pés de um sábio judeu, eram necessárias tantas formalidades, que apenas os mais abastados financeiramente e de famílias tradicionais, tinham esse privilégio. Por outro lado, eram os discípulos que escolhiam o mestre, cujo exemplo nem sempre deveria ser seguido. Possuíam uma máxima que dizia: "façam o que eu digo, mas não façam o que eu faço."

O discípulo

Bill Hull conclui que "o discípulo será sempre alguém envolvido com a vida de Cristo e disposto a exercitar na obediência o discipulado de outros".! Portanto são

enumerados alguns dos significados mais importantes:

1. O discípulo é um fiel e verdadeiramente regenerado seguidor de Jesus. Nem sempre será perfeito neste processo do discipulado, mas estará sempre obediente ao mandato de ir e fazer discípulos; e isso inclui o evangelismo.

2. O discípulo é um verdadeiro crente, que batizado e ensinado, obedece e cumpre a grande comissão de reproduzir-se em outros discípulos.

3. O discípulo se envolve no discipulado da igreja, em fazer novos discípulos. Apresenta pessoas a Cristo.

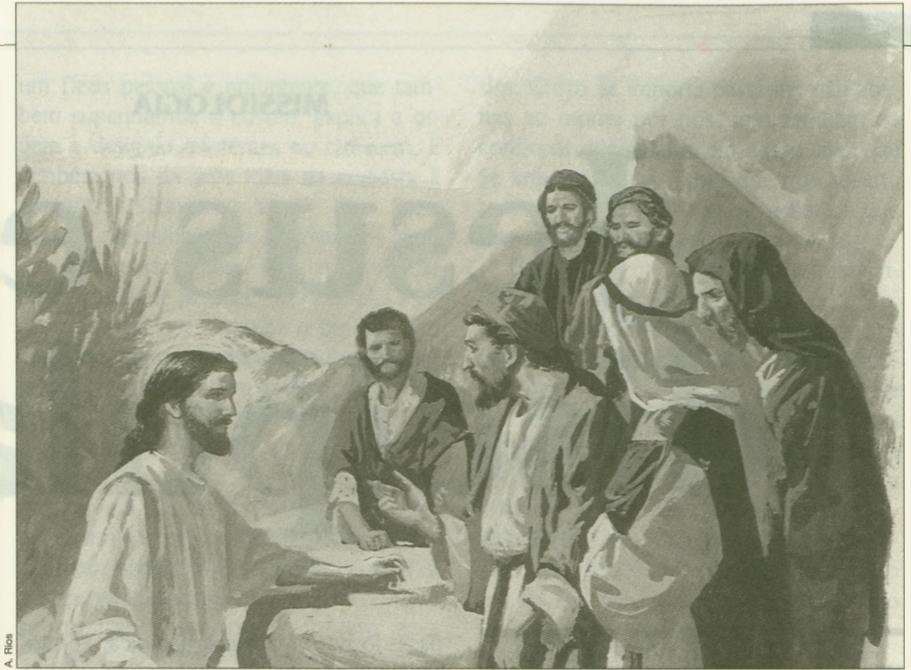
4. O discípulo treina outros e leva-os ao batismo. Isso se entende como reprodução. Frequentemente uma igreja vai bem em levar pessoas ao batismo e ao ensino doutrinário. Mas não prossegue na discipulação dos novos na fé. Não há multiplicação nem reprodução; noutras palavras, não há crescimento.

Discípulo, do grego *mathetés*, é indicado para identificar o aluno em relação ao professor. João Batista, Platão e Jesus tiveram discípulos. Isso sempre significa uma relação supremamente pessoal. Jesus usou essa palavra para indicar Seus seguidores mais devotados. O discípulo está sempre associado com o ato de seguir, faz muito mais do que apenas crer. Muitos creram em Jesus, mas poucos O seguiram. "Se permanecerdes em Mim e as Minhas palavras permanecerem em vós, pedireis o que quiserdes, e vos será feito. Nisto é glorificado Meu Pai, em que deis muito fruto; e assim vos tornareis Meus discípulos." (João 15:7 e 8). O discipulado que a igreja deve experimentar como modelo vivo do ministério de Cristo tem sua aplicação nesse texto. A toda proposta que Jesus faz à Igreja para discipular, Ele acrescenta uma promessa.

"Se alguém vem a Mim, e não aborrece a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e ainda a sua própria vida, não pode ser Meu discípulo. E qualquer que não tomar a sua cruz, e vier após Mim, não pode ser Meu discípulo." (Luc. 14:26 e 27). Dedicção e envolvimento na obra do discípulo, muitas vezes, conflita com os membros da família e sacrifica sua própria natureza. O discipulado exige uma completa dedicação ao Senhor Jesus.

chamou os doze como Seus discípulos e depois os tornou apóstolos. Se o discípulo tem a conotação de um seguidor, o apóstolo tem o sentido de um enviado. Alguém que recebe o mandato de Cristo para dar ao mundo as boas-novas da salvação. Nos evangelhos são encontrados vários grupos de discípulos ainda que não sejam claras as diferenças. Um grupo mais estreito era chamado de "os doze", no qual o discipulado foi realizado plenamente. Esse grupo conviveu com Jesus, participou de Sua intimidade cotidiana, dedicou-se a Ele por completo, recebendo dEle melhor formação, e, mais tarde, seus componentes se tornaram Suas grandes testemunhas. Então, são cha-

mados de apóstolos, embora o termo não coincida com a palavra discípulo em sua plenitude. Paulo é chamado apóstolo; e no entanto não foi um dos doze.



A. Pires

Jesus é um fazedor de discípulos. Ele

Um grupo mais amplo, os setenta, aos quais Lucas se refere, recebeu a grande missão apostólica e participou de um especial conhecimento de Jesus. Finalmente, aparecem os grupos indefinidos de pessoas, representados por todos quantos aceitaram as exigências do Mestre embora não experimentassem a mesma convivência pessoal com Ele (João 6:66; Mar. 14:14; Atos 11:26).² Uma visão do livro de Atos dos Apóstolos permite concluir que no grupo de discípulos estão incluídos todos os cristãos, mesmo os que não viram pessoalmente a Cristo, como Timóteo, por exemplo. A característica de um discípulo é a obediência pela fé. A Igreja primitiva usava o termo também para os seguidores de Paulo, que era um rabi (Atos 9:26).

Normalmente, nas igrejas locais fundadas como resultado das viagens missionárias de Paulo e Barnabé, estabeleceram discípulos e fizeram deles anciãos de igreja, líderes de congregação (Atos 14:21-24).

Um discípulo nega-se a si mesmo, toma sua cruz e segue a Jesus (Luc. 9:23-25). Faz de Cristo a prioridade máxima em sua vida (Luc. 14:25-35). Dedicou-se especialmente aos ensinamentos do Mestre (João 8:31). Envolve-se no evangelismo mundial (Mat. 9:36-38). Ama os outros com o

Ser um discípulo de Jesus equivale a entregar a vida por Ele, fazer Sua vontade, segui-Lo, ir após Ele, aceitando a situação de renúncia de si mesmo.

Ministério 14 Maio-Junho/1998

mesmo amor do Mestre (João 13:34 e 35). Permanece em Cristo, dá frutos, e glorifica a Deus (João 15:7-17). Se alguém não pode assumir compromissos tais, disse Jesus, "não pode ser Meu discípulo" (Luc. 14:25, 26 e 33).

Na igreja local

Uma congregação bem ordenada pastoralmente, com todos os serviços direcionados ao atendimento das necessidades da comunidade, é a melhor agência para tornar efetivo o discipulado. Para isso, ela precisa usar a estrutura mais simples, pois está fundamentada nas pessoas e os serviços por elas executados. A expressão "igreja local" deve ser entendida como uma igreja estruturada no contexto organizacional da Igreja Adventista do Sétimo Dia – um corpo organizado de crentes individuais.

Quando um grupo de crentes cresce em número de membros e maturidade espiritual, tendo demonstrado suficientes dons para testemunho na comunidade, recursos financeiros para sua manutenção própria e apoio às missões, por meio de uma solicitação ao Campo local (Associação ou Missão) recebe o *status* de igreja organizada.

O ingresso na igreja, de um novo membro, passa pela instrução em toda a vontade do Senhor, reconhecida nas Escrituras como verdade, conversão e batismo. Ao novo membro são garantidos os direitos e responsabilidades expressos no Manual da Igreja, incluindo o discipulado, que deve ser visto sempre como prioridade eclesiás-

tica, pois o mandamento de Cristo nesse sentido é muito claro (Mat. 28:18-20).

Os que lideram congregações locais, sejam pastores ou anciãos, precisam estar sempre inspirados na grande comissão evangélica, para que acreditem nas possibilidades resultantes, tendo em mente a reprodução de discípulos no processo de plantar novas igrejas. Com isso, o mandamento do Senhor é obedecido e desaparece o sentimento de culpa entre aqueles que fazem a obra de Deus por temor do castigo.

Comentando a responsabilidade dos líderes relacionada com a grande comissão, diz Ellen White: "Antes de ascender ao Céu, Cristo deu aos discípulos uma comissão. Disse-lhes que eles deveriam ser os executores do testamento no qual Ele legava ao mundo os tesouros da vida eterna. 'Tendes sido testemunhas de Minha vida de sacrifício em favor do mundo', disse... 'A vós, Meus discípulos, Eu entrego esta mensagem de misericórdia. Ela deve ser dada tanto a judeus como a gentios... Todos os que crerem devem ser congregados numa única igreja.'"³

Foi assim que os primeiros discípulos fundaram a Igreja que abrigaria a primeira comunidade de salvos. O sentido de igreja não identificava um lugar de culto mas uma comunidade empenhada em cultivar, adorar e testemunhar.

Ao ordenar a grande comissão, Cristo estabeleceu a estratégia de evangelismo em duas direções: interna e externa. A direção interna envolve a edificação dos

crentes, através do treinamento para o discipulado. A evangelização externa é a prática, ou fruto dessa tarefa: a busca dos perdidos. As duas direções, no entanto, não se isolam. Ao contrário, são simultâneas e continuadas. Não é possível edificar a igreja sem evangelizar, assim como não se pode evangelizar sem edificar a igreja.

Tarefa do discipulado

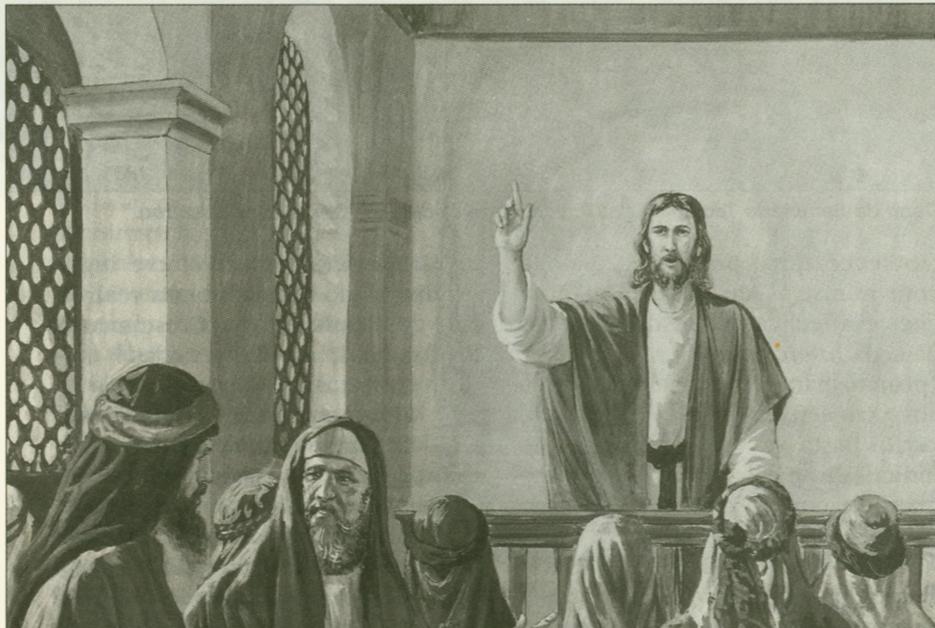
Win Arn assinala que a grande comissão, repetida como foi várias vezes, reflete o eterno propósito de Deus, ou seja, em todos os lugares todos os crentes têm a oportunidade de se tornarem discípulos de Jesus Cristo. Foi ponto destacado nos ensinamentos de Jesus que, para segui-Lo, o indivíduo deveria tornar-se participante de Sua missão. Ele não aceita a idéia de um discípulo "sideline".⁴

As palavras de Cristo em Mat. 28:18-20 comunicam vivamente o Seu entendimento sobre um discípulo, alguém que se tornou Seu seguidor, foi instruído e nutrido na fé e tornou-se capaz de fazer outros discípulos. É isso o que espera de cada um dos Seus filhos ainda hoje. Mas o maior desafio da Igreja continua sendo vencer a tentação de demorar-se nas tarefas de sua própria manutenção e descuidar-se da missão a ser executada no mundo. Muitos movimentos religiosos cristãos cresceram a ponto de se tornarem grandes denominações, fundarem missões transculturais, mas ao se estabelecerem nos lugares altos da Terra, entraram num processo de acomodação aos louros do passado. O ufanismo vencido dos primeiros anos foi determinante para retroceder ao marasmo de um crescimento sem projeção. Fincaram-se no tradicionalismo ou descambaram para o liberalismo.

"A perda da visão da missão é um perigo iminente devido à capacidade de encolhimento que a Igreja tem em sua maneira de ver o mundo sem a visão da grande comissão."⁵ Contra esse perigo devemos estar atentos, jamais olvidando nossa responsabilidade em cumprir o mandado de Jesus Cristo – "fazei discípulos". □

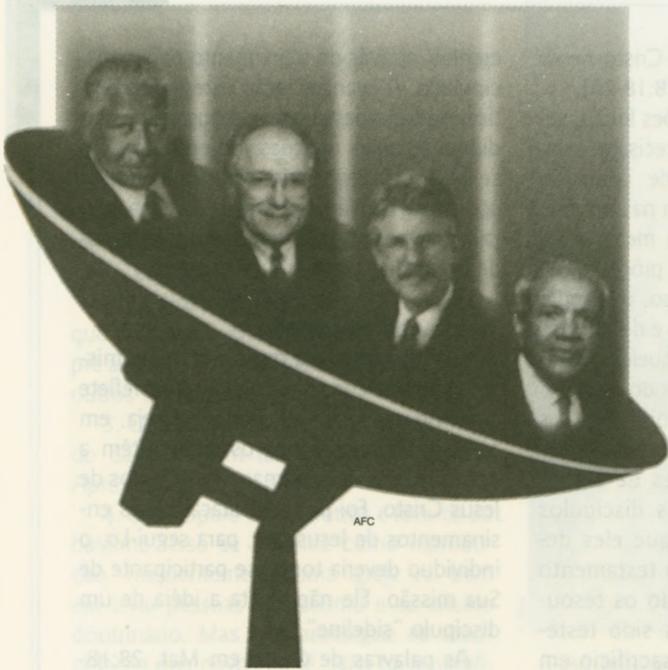
Referências

- 1 Bill Hull, *O Pastor Que Faz Discípulos*, (Colorado Springs, Colorado: NavPress, 1984, págs. 48 a 53.
- 2 George Arthur Buttrick, *The Interpreter's Dictionary of the Bible*, vol. 1 (Nashville: Abingdon Press, 1962), pág. 845.
- 3 Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos*, págs. 27 e 28.
- 4 Win Arn e Charles Arn, *The Master's Plan for Making Disciples*; (Monrovia, CA: Church Grow Press, 1993), pág. 19.
- 5 Robert Folkenberg, *Estrutura da Igreja: Servo ou Senhor?* Seminário Adventista Latino-americano de Teologia, Engenheiro Coelho, SP, 1995, págs. 154 a 159.



A. Bios

Projeto preach no ar



AFC

Aproximadamente 80 mil clérigos de várias denominações religiosas, em todo o mundo, recebem a revista *Ministry*. É o Projeto *Preach*, um plano da Associação Ministerial da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia para es-



Pastor Charles Bradford: "A ressurreição deu coragem aos discípulos e se tornou o tema de sua pregação."



Coral do Seminário Teológico da Universidade Andrews: "Cristo já ressuscitou."

tabelecer uma ponte de diálogo com ministros de outras organizações evangélicas. O desdobramento da sigla *preach* significa, em inglês, "projeto para alcançar cada clérigo ativo em seu lar". O plano tem dado certo. Basta se verificar o elevado índice de participação e diálogo mantido com a revista, através da sua seção de cartas.

Com o avanço da tecnologia, o *Preach* também inovou e agora está se mostrando via satélite. A primeira

investida nesse sentido teve lugar no dia 31 de março, com a realização do Seminário de Crescimento Profissional, na Universidade Andrews e transmitido para cerca de 450 diferentes lugares dos Estados Unidos, Canadá, América Central e Europa. Igrejas, instituições educacionais e de saúde, seminários de Teologia, adventistas e não-adventistas, sintonizaram a programação.

O evento foi organizado pelo Dr. Nikolaus Satelmajer, diretor de Cresci-



Pastor Frank Harrington: "Ressurreição é essencial, confortadora e desafiadora para os cristãos."

mento Profissional, e contou com o apoio da própria Associação Ministerial, através do seu líder, Pastor James Cress; revista *Ministry*, com seu editor, Pastor Wimore Eva, além de outras instituições e empresas.

No centro de transmissão, estiveram presentes 200 pessoas, entre estudantes da Universidade, professores, pastores adventistas e de outras denominações. A Divisão Sul-Americana marcou presença através do secretário ministerial associado, Pastor José M. Viana, e deste editor.

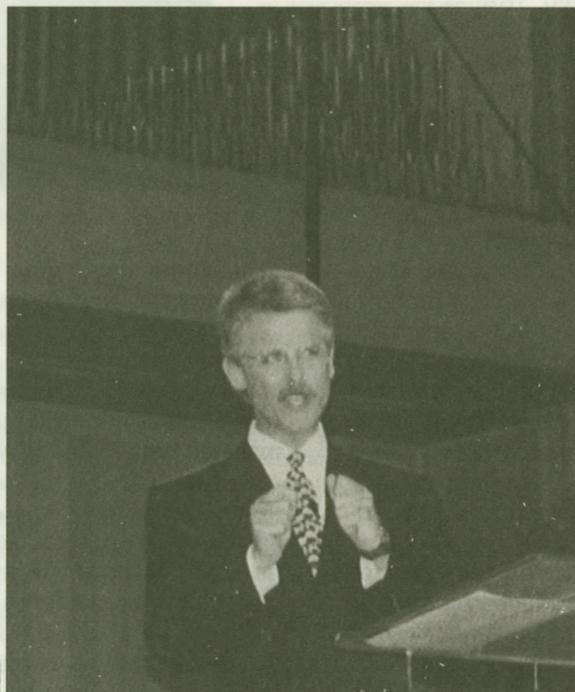
Tema e oradores

Levando-se em conta o colorido secularista que alguns teólogos têm dado ao assunto, a Ressurreição de Cristo foi o tema colocado em discussão. Para isso foram convidados quatro oradores: Charles E. Bradford, que durante muitos anos foi administrador, professor, pastor, sendo conhecido como um dos maiores pregadores adventistas norte-americanos; Frank Harrington, pastor presbiteriano, líder de 12 mil membros em Atlanta, Georgia, e escritor; Dwight Nelson, pastor da igreja da Universidade Andrews, pro-

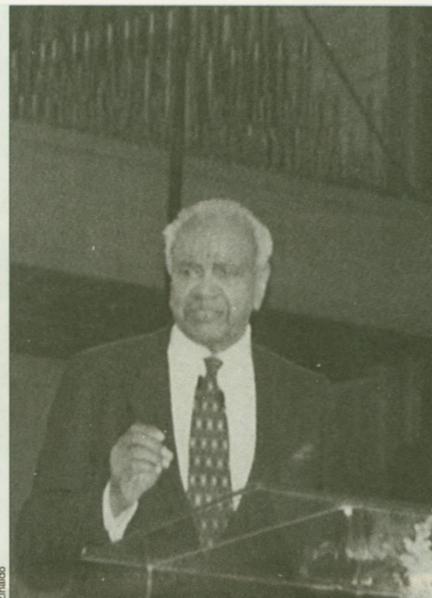
fessor de homilética e autor de três livros. Finalmente, Gardner Taylor, pastor emérito da Igreja Batista de Cristo, em Nova York, líder de nove mil fiéis e autor de quatro livros.

Todos eles enfatizaram a Ressurreição como indispensável à fé cristã. Para Bradford, o questionamento do tema não é novidade. Paulo já o enfrentara em seus dias. E a maneira pela qual combateu a descrença foi justamente o fato de ter experimentado, na própria vida, o impacto transformador da Ressurreição. Experiência que não foi diferente dos demais apóstolos.

"Essencial, confortadora e desafiadora" são as características da Ressurreição, segundo Frank Harrington. Essencial pela transformação que operou nos discípulos e ainda pode operar hoje. Confortadora, porque sem ela, a vida resulta vazia e sem esperança. Desafiadora pelo aspecto missionário que a envolve. Era o tema dominante da pregação apostólica. "A mudança que a ressurreição opera na vida do crente, dá-lhe assunto para testemunhar", diz Harrington.



Pastor Dwight Nelson: "O Homem do terceiro dia é o mesmo do último dia. Não podemos separar a ressurreição do juízo."



Pastor Gardner Taylor: "Cada página do Novo Testamento está cheia de alegria pela ressurreição."

Dwight Nelson associou a Ressurreição ao Juízo Pré-Advento. "O homem do terceiro dia é o mesmo homem do último dia", afirmou, enfatizando que o mesmo Cristo ressurreto está julgando o mundo. Segundo ele, a geração atual precisa de um choque a fim de que creia na Ressurreição. "Esse choque é a realidade do julgamento", disse, acrescentando que "não podemos ser fiéis ao relato do Novo Testamento dissociando a ressurreição do julgamento".

Mais poético, Gardner Taylor falou da Ressurreição como alegria para a Igreja. "Cada página do Novo Testamento está plena de alegria pela Ressurreição. Uma alegria que representa vitória. Cristo triunfou sobre a morte, que não tem mais domínio sobre nós." Essa vitória, de acordo com Taylor, teve seu prelúdio na entrega que Cristo fez de Si mesmo ao Pai, quando disse: "Pai, em Tuas mãos entrego o Meu espírito. O orador ainda acrescentou: "Se tomarmos tal atitude de entrega, não precisamos temer a morte".

Interação

A programação foi marcada por um clima amistoso, alegre, dinâmico e de confraternização,



Pastor James Cress homenageia a Sra. Marie, viúva do Pastor Robert Spangler

construído durante um almoço que reuniu todos os participantes. Logo depois, pontualmente às 13h00, o Dr. Satelmajer deu início ao seminário, que teve a participação do Coral do

equipe se reuniu para avaliar a iniciativa. De um modo geral, a impressão foi altamente positiva. As chamadas

Seminário de Teologia. As palestras foram intercaladas por homenagens aos patrocinadores e, especialmente, à irmã Marie Spangler, viúva do Pastor Robert Spangler, "pai" do Projeto *Preach*.

Cada orador dispôs de 30 minutos para fazer a exposição do tema, seguida de uma reflexão de 15 minutos. Imediatamente franqueava-se a oportunidade para perguntas que, além das que surgiam no auditório, eram recebidas também por telefone e e-mail.

Após o encerramento, às 17h00, a

telefônicas e os contatos via internet foram superiores ao que o tempo permitiu atender. Por isso, até falou-se na necessidade de selecionar as perguntas, em futuras programações. Aliás, o Dr. Satelmajer anunciou o dia 30 de março do próximo ano, como o da realização do próximo evento.

Entusiasmado com o que presenciou, o Pastor José Viana já pensa em seguir a mesma técnica, no terceiro seminário para pastores evangélicos a ser realizado no Brasil, em 1999. Sem dúvida, um passo significativo no diálogo ministerial com outras denominações. - *Zinaldo A. Santos*.



Pastor Nikolaus Satelmajer, diretor de Crescimento Profissional da Associação Ministerial: boas-vindas aos participantes do seminário

Terra sem fé

De acordo com o teólogo Wolphart Pannenberg, "a ressurreição é absolutamente decisiva para a proclamação cristã e a própria fé cristã". No mesmo diapasão, Jurgen Moltmann afirmou que "o cristianismo ergue-se ou cai com a realidade da ressurreição de Jesus".

São afirmações claras e definidas com as quais concordam muitos outros teólogos; embora nem todos. Há alguns que, ao se referirem ao assunto, usam uma linguagem completamente estranha às Escrituras. Um vocabulário enraizado no racionalismo, humanismo, secularismo, na ciência e na tecnologia, tem sido ouvido de muitos púlpitos com referência à ressurreição de Cristo. Isso faz diminuir a fé de muitas pessoas. Mais do que nunca, faz sentido a pergunta do próprio Jesus Cristo: "Contudo, quando vier o Filho do homem, achará porventura fé na Terra?" (Luc. 18:8).

Não surpreende que "a maioria dos americanos não sabe em que acreditar", de acordo com Gallup. Uma enquête realizada pelo Centro de Pesquisas Religiosas Princeton trouxe à luz os seguintes dados:

✓ Um terço dos entrevistados disse acreditar em

Deus como sendo uma "elevada sabedoria", "mais um deus oriental", ou "muitos deuses".

✓ Mais de 50% dos pesquisados que se identificaram como "cristãos nascidos de novo" (na verdade, 43%) negaram a existência do Espírito Santo, referindo-se a Ele como "um símbolo do poder e da presença de Deus, mas não uma entidade viva".

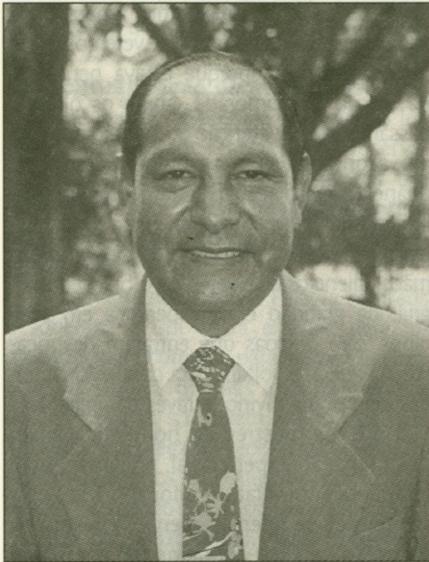
✓ Um terço dos que se disseram "nascidos de novo" negou a ressurreição corporal de Jesus; e três em dez afirmaram crer que Ele cometeu pecado quando esteve na Terra. Mais de 50% responderam acreditar que Satanás é apenas uma figura.

Como se vê, há um campo aberto para iniciativas que enalteçam as verdades cristalinas da Palavra de Deus, através de todos os meios disponíveis, em todos os lugares.

A pregação efetiva

ALEJANDRO BULLÓN

Secretário ministerial da Divisão Sul-Americana da IASD



William

Eu havia acabado de pregar para 20 mil pessoas na praça da apoteose, no sambódromo do Rio de Janeiro. Ao chegar ao hotel, tirei dos bolsos as cartas e os bilhetes que algumas pessoas me entregaram, como acontece sempre em reuniões desse tipo. Um dos bilhetes marcou profundamente a minha vida. Seu autor dizia: "Esta noite, eu ia acabar com minha vida, porque descobri há 15 dias que estou com Aids. Fui ouvi-lo pregar, esperando um milagre; e, pela graça de Deus, aconteceu. Não fui curado, mas algo ocorreu em meu coração, porque não tenho mais medo da morte. O senhor descreveu minha vida, até a roupa que eu vestia. Depois disse: 'Aconteça o que aconte-

cer, você nunca mais estará só, se entregar hoje seu coração a Jesus.'"

Ajoelhado, naquele momento, disse a Cristo em oração: "Senhor, não sei se preguei um grande sermão, mas sei que de alguma maneira usaste este sermão para encontrar uma vida desfeita e transformá-la."

Eficiência ou grandeza

Todos nós, pregadores, queremos ser usados por Deus; queremos pregar eficientemente e sentir que o sermão fez bem às pessoas. O problema é que, às vezes, confundimos eficiência com grandeza. Uma coisa é ser um pregador eficiente; e outra coisa é ser um grande pregador. Fomos chamados para ser pregadores eficientes. A grandeza é uma prerrogativa divina. Quando o pregador procura grandeza, corre o perigo de cair no terreno do orgulho, da autopromoção ou da auto-afirmação, e nada pode ser mais fatal do que isso para a eficiência da pregação. Essa eficiência, por sua vez, encontra-se no resultado verificado na vida das pessoas. Você não é eficiente quando sente que é um grande pregador, mas quando o propósito divino para a vida das pessoas se torna realidade.

Uma pregação eficiente, portanto, é uma pregação que transforma. Mas, o que fazer para que a nossa mensagem transforme vidas? Como pregar de modo que as pessoas sintam que foram beneficiadas pela pregação? Para atingir o coração das pessoas e deixar que o Espírito Santo as transforme, é preciso entender, em primeiro lugar, que todo mundo vai a algum lugar em busca de algum benefício. Essa é uma lei da vida. Quando alguém entra numa loja de sapatos, por exemplo, não quer saber qual é o processo da fabricação do couro. Deseja simplesmente conseguir o melhor sapato, ao menor preço.

O problema que nós enfrentamos, como pregadores, é que, às vezes, estamos mais preocupados com o nosso sermão do que com as pessoas. Nossos sermões podem ser obras mestras de homilética, mas se não responderem às inquietudes íntimas do coração humano, não passarão de uma teoria maravilhosa, mas que não produz efeito transformador de vidas.

Se alguém vai a uma padaria comprar pão e lhe dão pedra, com certeza, jamais voltará àquele lugar. Isso prova que as pessoas vão a qualquer lugar, inclusive para a igreja, porque esperam encontrar ali algo que lhes traga benefícios.

Observe, por exemplo, quando uma loja anuncia pela televisão que no dia seguinte estará fechada, na parte da manhã, mas que abrirá ao meio-dia com ofertas incríveis. Geralmente, formam-se enormes filas de pessoas esperando a abertura do estabelecimento, porque ali existe algo que lhes interessa muito. Os proprietários da loja souberam despertar o interesse, mostrando as vantagens dos descontos "fabulosos" que as pessoas terão apenas naquele dia.

Necessidades do povo

"De uma maneira ou de outra, toda empresa que lida com o público começa suas atividades a partir das necessidades do povo. Só os pregadores agem supondo que as pessoas vão à igreja ansiosas por descobrir o que aconteceu com os amouros", afirma Harry Fosdick.

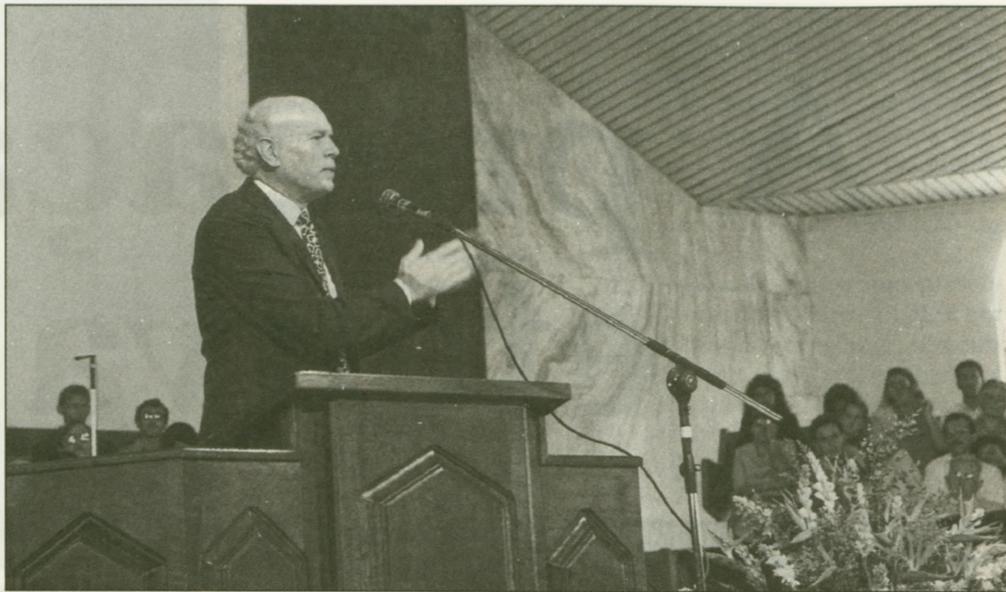
Quando Jesus andou na Terra, preocupou-Se pelas necessidades do povo e dirigiu-Se a cada pessoa, tocando o ponto nevrálgico da sua vida. A Zaqueu, um homem rejeitado e desprezado por todos, mostrou os braços abertos da aceitação e do perdão. À mulher samaritana, vazia e

sedenta no coração, ofereceu água que realmente satisfaz. Ele nunca falava para o ar. Tocava nas necessidades específicas do ser humano. Por isso, multidões O seguiam aonde quer que Ele fosse e eram transformadas por Sua pregação.

Multidões assim, carentes, continuam vivas ainda hoje. Estão sentadas todos os dias de culto em nossas igrejas. São formadas de pessoas vazias, desesperadas, angustiadas, aflitas, sentindo-se solitárias, rejeitadas, traídas e injustiçadas. Pessoas que choram em silêncio, tentando esconder a dor íntima. Sorriem, fingem que tudo está bem, mas o coração está dolorido; não sabem mais para onde ir, não têm mais forças para resistir e, no sábado, no domingo ou na quarta-feira, vão à igreja esperançosas de que Deus tenha alguma resposta para as inquietudes de seu coração, através do pregador.

Na próxima vez, quando você se levantar para pregar, lembre-se de que ali, entre as 30, 50, 100, 200 ou 300 pessoas diante de você existe igual número de pequenos universos. Cada pessoa tem suas próprias lutas, sonhos e dificuldades. Ali estará, por exemplo, uma garota de 14 anos que foi abandonada durante a semana pelo namorado. Seus pais estão felizes, porque não concordavam com aquele relacionamento, mas a garota está sofrendo por dentro, pensando que a vida não tem mais sentido, cor ou alegria. Todos a contemplam sentada no banco da igreja, mas ninguém compreende o vulcão de tristeza que está prestes a explodir em seu coração. Ela se sente sozinha, incompreendida pelos pais, traída pelo namorado, injustiçada pela vida. E Deus tem um instrumento – você – para dizer àquela menina: “Filha, você não está sozinha. Eu estou aqui com você, embora não possa Me ver ou Me tocar.”

E aquela garota não será a única pessoa magoada na congregação. Ali também haverá alguém que traiu a esposa e levou uma mulher estranha para um motel. Veio à igreja, sim, mas está perturbado pela voz insistente da consciência. Não tem paz, não conseguiu dormir, sente-se imundo e perdido. No fundo do coração, pergunta: “Há perdão para mim?” E você é o instrumento que Deus tem para dizer àquele homem: “Sim, existe bálsamo em Gileade.”



Da próxima vez que você se levantar para pregar, pense no pai de família desempregado que sofrerá uma ação de despejo se não pagar o aluguel atrasado. Lembre-se da mãe aflita, que luta para manter os filhos na igreja contra a vontade do marido incrédulo. Não se esqueça do jovem que foi mal no exame vestibular e está desanimado. Enfim, lembre-se de que você prega para seres humanos que estão buscando solução para seus problemas.

Pensando nas pessoas

Minha pergunta é a seguinte: Na sexta-feira à noite, quando você dá os últimos retoques no sermão, verifica o título, as ilustrações e as frases de impacto, lembra-se das pessoas? O que você terá para dizer a cada uma delas? Uma coisa é dizer: “Irmãos, aqui o Senhor afirma que Ele nos ama e nunca nos abandonará”; e outra coisa é dizer: “Está você sentindo-se sozinha e traída porque o namorado a abandonou? Está você angustiado porque não sabe onde conseguir o dinheiro para o aluguel? Porventura há alguém aqui que falhou com Jesus e entrou num lugar imundo, onde um filho de Deus nunca deveria entrar? O fogo da consciência culpada está queimando o seu coração e deixando-o sem paz? Quero lhe dizer, em nome do Senhor, o que a Escritura afirma nesta manhã: você não está só. As lágrimas de tristeza podem impedir-lhe de ver a Cristo, o grito da consciência pode estar dizendo que você se encontra perdido, sem perdão, mas a Palavra de Deus garante que Ele não o abandonou. Ele compreende sua dor. Quando você deita na cama e sente que não existe saída, acredite, Jesus está perto de você pronto a ajudá-lo

e dar-lhe poder para viver uma vida vitoriosa.”

No momento em que deixarmos de generalizar as coisas e começarmos a particularizar a aplicação da mensagem, veremos que a menina distraída, porque estava pensando na traição do namorado, abrirá os olhos e passará a prestar atenção ao sermão. O mesmo acontecerá com as outras pessoas. E, quando o culto acabar, certamente ninguém dirá apenas que aquele foi um sermão extraordinário. As pessoas apertarão nossas mãos, silenciosas, e veremos o brilho da alegria, da gratidão e da esperança em seus olhos. São pessoas que entraram destroçadas na igreja, e voltam para casa reconstituídas pelo poder divino, através da pregação.

Hoje, os mestres da homilética falam de “pregação experiencial, encarnacional, terapêutica, bipolar ou bifocal”. Todos esses termos se referem apenas ao estilo de pregação que se fundamenta na Bíblia, mas que tem como propósito mostrar a solução divina para os problemas humanos. Halford E. Luccock, em seu trabalho intitulado *Minister's Workshop*, pág. 51, comentando sobre a construção de um sermão, diz o seguinte: “Comece com um assunto da vida, um problema real, pessoal ou social e jogue sobre ele toda a luz de Cristo, de modo que as pessoas saiam da igreja dispostas a enfrentar os problemas em nome de Jesus.” Em outras palavras, que elas retornem para casa reanimadas e transformadas.

Talvez as pessoas durmam durante a pregação porque estamos pregando sobre assuntos que achamos ser do seu interesse, mas, na realidade só interessam a nós mesmos.

Imaginemos 50 pessoas assistindo a um jogo de futebol. No campo estão as seleções do Brasil e da Argentina, enfrentando-se numa final do campeonato mundial. Faltam cinco minutos para o encerramento e o placar continua 0 x 0. Você acha que alguém vai cochilar? Agora, imaginemos outro jogo, entre o Madureira, do Rio de Janeiro, e Picos, do Piauí. Quem tem disposição para assistir a uma partida dessa, além dos fanáticos torcedores dos dois times?

Precisamos aprender a pregar sobre coisas que interessam ao povo, e não sobre coisas que interessam apenas a nós. Possivelmente você goste de chocolate, mas acho que não seria tão ingênuo a ponto de colocar chocolate como isca no anzol, porque o peixe gosta de minhoca e não de chocolate. E quando prega, você usa chocolate ou minhoca?

Contextualização da mensagem

A essa altura, é possível que alguns leitores sejam tentados a fazer uma observação: Pastor, quer dizer que para ser um pregador de êxito devo pregar somente o que o ser humano deseja ouvir, e não o que ele precisa ouvir?

Evidentemente, não. A Palavra de Deus é soberana e útil "para ensinar, para reprimir, para corrigir e para instruir em justiça" (II Tim. 3:16). Mas a lei da mente é que as pessoas só ouvem aquilo que lhes interessa, e o pregador precisa apresentar os princípios eternos do evangelho, contextualizados, de modo que o povo queira ouvir.

Quando meus filhos eram pequenos, havia um que não gostava de vegetais. Era uma dificuldade fazer com que ele os comesse; mas uma das coisas de que mais gostava era assistir aos jogos de basquete da NBA. Um dia, perguntamos para ele: "Você quer crescer e jogar basquete como Michael Jordan?" A resposta foi "sim". Então argumentamos: "Pois é, filho, ele comia vegetais quando era criança. Não há outra forma de crescer forte sem comer vegetais." Aquela foi a solução. O garoto queria crescer e passou a comer vegetais. Se, como pais, eu e minha esposa fálássemos para ele sobre a composição química dos vegetais, das vitaminas e outros elementos nutritivos neles existentes, com certeza, nada conseguiríamos. Mas, sabíamos do seu interesse em crescer. Ele sentia

a necessidade de crescer, não havia maneira de continuar pequeno e se tornar um "cestinha". Crescer tinha se tornado para ele uma necessidade; e quando a relacionamos com o hábito de alimentar-se com vegetais, imediatamente o garoto abriu a mente, o coração e a boca para eles.

É um exemplo simples, mas evidencia o erro que às vezes cometemos como pre-

O pregador precisa contextualizar os eternos princípios do evangelho para atrair a atenção do povo.

gadores. Gastamos minutos preciosos analisando o texto teologicamente, apresentamos a doutrina sólida, fundamentada na Bíblia, e aí paramos. Deixamos de mostrar como essa verdade teologicamente correta pode ajudar as pessoas a resolverem os problemas que enfrentam diariamente. Noutras palavras, aquela verdade não lhes diz muita coisa diante das dificuldades que encontram. Pensemos num médico lendo um tratado de gastroenterologia para um paciente que está se contorcendo de dores estomacais. O que deseja o paciente: entender como funciona o processo digestivo, ou que a dor seja estancada?

Problemas básicos

Talvez alguns ainda se perguntem: "Como fazer para falar dos problemas de uma congregação inteira num período de 45 minutos?" Embora existam dificuldades específicas, há cinco necessidades básicas e universais que todo ser humano carrega no coração. Ao falar delas, estaremos tocando o coração de qualquer pessoa, quer esteja na China ou no México, seja rico ou pobre, jovem ou velho. Essas necessidades são as seguintes:

Solidão. Todos os seres humanos se sentem sós, alguma vez. Há pessoas que se sentem usadas, traídas, rejeitadas. Têm parentes e amigos, trabalham cercadas de outras pessoas, mas estão sozinhas e o coração dói. Assim, cada vez que mencionarmos a solidão, podemos estar seguros de que de uma forma ou de outra, estaremos tocando os corações.

Problemas financeiros. São problemas comuns a todas as pessoas, ricas ou pobres. O problema financeiro do pobre é que não tem dinheiro para pagar suas contas. O problema financeiro do rico é que não pode dormir pensando na queda da bolsa ou na desvalorização do dólar.

Problemas familiares. Não se trata apenas da esposa e dos filhos. Todos possuem pais, irmãos, primos, sobrinhos e netos com os quais se preocupam, de certa forma. O que fazer com a mãe enferma, que está distante, quando não se tem tempo nem dinheiro para visitá-la? Como ajudar o filho da irmã, que está afundando nas drogas? A família é uma das coisas sagradas que uma pessoa tem. Falemos sobre algo relacionado com ela e estaremos atendendo a uma necessidade básica.

Medo do futuro. Houve um tempo quando eu pensava que somente os idosos tinham medo do futuro, mas um dia, voltando de um cemitério, após o funeral de um amigo, um dos meus garotos me abraçou forte e disse: "Você não vai morrer, não?" Perguntei-lhe: "Por que, filho?" Com a voz embargada, o menino indagou: "Se você morrer, quem vai tomar conta de mim?" E ele tinha apenas sete anos; mas o futuro lhe causava temor. É uma necessidade comum a todos.

Culpa. Após o pecado, o ser humano vem ao mundo com aquilo a que os sociólogos modernos chamam de culpa existencial. Quer dizer, o indivíduo sente-se culpado e nem sequer sabe o porquê. É uma sensação esquisita de vazio; e, naturalmente, fruto na natureza pecaminosa com que nascemos.

Cada vez que você for preparar um sermão, pergunte-se: De que maneira este sermão vai atingir as necessidades básicas e universais das pessoas que o ouvirão? Então, prepare-o de modo que ele responda perguntas que o povo está fazendo. Certo pregador escocês costumava dizer: "Coce onde o povo sente que está coçando."

E lembre-se da cruz de Cristo. Com um extremo de seu sermão, toque a glória de Deus através de Sua Palavra. Com o outro extremo, pise a terra onde as pessoas vivem, toque as feridas dos homens, mulheres e crianças. Coloque nelas o bálsamo curador do evangelho. □

A força do rádio

ALBERTO R. TIMM

Ph.D., diretor do Centro de Pesquisas Ellen G. White do Brasil e professor no Seminário Adventista Latino-americano de Teologia do IAE



O rádio tem sido uma das prioridades da Missão Global para levar a mensagem adventista a muitos segmentos populacionais resistentes à maioria dos programas evangelísticos das denominações cristãs. Ele tem obtido bom êxito também em expandir a presença adventista em áreas nas quais a Igreja já vem atuando por algum tempo. Um exemplo disso é o Programa de Estudos Bíblicos Rádio-Interativo, transmitido cada sábado à tarde pela emissora adventista Novo Tempo FM, de Novo Hamburgo, RS.

O propósito deste artigo é considerar, brevemente, como surgiu esse programa, como funciona e algumas vantagens de sua implementação.

Em setembro de 1995, os Pastores Iri-

neo Koch e Elcio Magalhães iniciaram na Cidade de Bento Gonçalves, RS, uma série semanal de estudos bíblicos em uma TV a cabo, via satélite. Infelizmente, porém, a série foi descontinuada no final daquele mesmo ano, devido a problemas financeiros. Apesar disso, esses pastores decidiram começar um programa semelhante, com custos de transmissão bem inferiores, na Novo Tempo de Novo Hamburgo. O principal objetivo do novo programa era alcançar pessoas não-adventistas, com as quais pudesse ser mantido contato pessoal através da assistência de membros da igreja.

Quando o primeiro programa foi levado ao ar, no dia 13 de abril de 1996, havia apenas seis igrejas próximas envolvidas no trabalho de entregar e recolher lições bíblicas na vizinhança. Dentro de duas semanas, as seis igrejas distribuíram lições para cerca de 4.500 pessoas. Os meses seguintes viram um crescimento tão impressionante que, em junho de 1997, já havia 72 congregações e 2.800 membros apoiando o programa. No final daquele ano, cerca de 30 mil pessoas haviam recebido as lições pessoalmente ou pelo correio, e cerca de 1.300 delas haviam sido batizadas.

A transmissão

O Programa de Estudos Bíblicos Rádio-Interativo é um programa de rádio semanal, ininterrupto, transmitido cada sábado à tarde, das 15h00 às 16h00. Ele cobre as 27 crenças fundamentais da Igreja Adventista do Sétimo Dia num ciclo de 22 lições bíblicas. Quando a série chega ao fim, ela recomeça novamente, abordando os mesmos tópicos, com pequenas alterações nos títulos das lições e em suas apresentações.

Cada programa inicia com uma oração e uma breve revisão das perguntas da lição anterior, seguida de uma discussão, em mesa-redonda, do assunto da lição específica para aquele dia. A discussão ocorre entre três a cinco pessoas, incluindo sempre quem possível o evangelista e outro represen-

tante da sede do Campo local, um ou dois pastores distritais e a pessoa encarregada de responder a correspondência recebida. O restante do tempo é gasto em responder perguntas previamente selecionadas, ou aquelas feitas ao vivo. O programa termina com um breve apelo, seguido de uma música apropriada e de uma oração final.

Um vínculo especial entre o programa e seus ouvintes é provido pelas duas unidades móveis da emissora, que se dirigem a certos locais com o duplo objetivo de estimular as pessoas a fazerem perguntas à produção e de entregar brindes especiais aos ouvintes que preencheram a lição do dia. Tais brindes incluem CDs religiosos, livros da Casa Publicadora Brasileira, camisetas e adesivos da Novo Tempo, sacolas da clínica adventista local, etc. As lições são enviadas pelo correio aos ouvintes que vivem em áreas distantes.

Envolvimento das igrejas

Básico para o sucesso do programa é o envolvimento de um grande número de membros da igreja previamente treinados para uma tarefa específica de apoio. Esse treinamento é levado a efeito através de um seminário de oito horas em igrejas locais, que pode limitar-se a um dia todo ou estender-se por seis noites de uma semana. Cada seminário começa explicando o que é o Programa de Estudos Bíblicos Rádio-Interativo e como ele funciona, mencionando também alguns de seus resultados mais significativos. Os membros da igreja são treinados em como usar os princípios da qualidade total, tanto na visitação de pessoas da vizinhança como na recepção delas na igreja. Atenção especial é dada ao programa da igreja, à pintura e à limpeza do templo, e às boas-vindas às pessoas ao seio da congregação. Daí para frente, a igreja local é vista não apenas como um lugar de adoração, mas também como um centro evangelístico do programa.

Após esse breve treinamento prelimi-



termina com uma ênfase espiritual. Enquanto o seminário do domingo todo normalmente se encerra naquela mesma noite, com uma cerimônia batismal bem organizada, o seminário de seis noites geralmente culmina com uma Santa Ceia na sexta-feira à noite. Isso provê uma motivação espiritual para a solene missão a ser cumprida pela igreja.

Campanhas de colheita

A Associação Leste Sul-Rio-Grandense, em cujo território o programa é

transmitido, mantém duas equipes de evangelismo com a finalidade de realizar séries de colheita em lugares que possuam um número significativo de pessoas recebendo semanalmente as lições. Essas campanhas são anunciadas pela emissora, como tendo o duplo objetivo de fazer a entrega dos certificados aos concluintes do curso bíblico e de analisar alguns temas bíblicos mais difíceis de serem abordados no programa. Enquanto a série no rádio focaliza o lado positivo das "verdades para hoje", a série de colheita esclarece, de forma cuidadosa, as principais distorções contemporâneas dessas verdades.

Sempre que houver uma congregação adventista na área para a qual a série estiver sendo planejada, esta consistirá de dez a 15 noites, sendo as reuniões realizadas quase sempre no templo da congregação. Em lugares sem a presença adventista, o número de reuniões é expandido, na maioria das vezes para 20 ou 25, de modo a dar tempo suficiente para as pessoas se familiarizarem melhor com a mensagem adventista. Uma ou mais cerimônias batismais são realizadas em cada série, com o propósito de encorajar outros a tomarem sua decisão pessoal.

Um obreiro bíblico de tempo integral, mantido pelo orçamento da Missão Global de algumas igrejas, ajuda a preparar o terreno para a série de colheita nos lugares em que os estudantes da Bíblia não rece-

beram a assistência dos membros voluntários. Ele é geralmente enviado a esses lugares, com sua família, três ou quatro meses antes do início da campanha. Lá, entra em contato com os alunos do curso bíblico radiofônico, com o alvo de formar pequenos grupos para estudo da Bíblia. O companheirismo provido por esses grupos ajuda os alunos a fazerem, durante a campanha, sua decisão pessoal de se unir à Igreja.

Vantagens

Entre as principais vantagens do Programa de Estudos Bíblicos Rádio-Interativo podem ser destacadas as seguintes: 1) Possui a mesma capacidade de penetração dos demais programas convencionais de rádio; 2) Faz uso da potencialidade dos membros da igreja como um vínculo eficiente entre a transmissão do programa e seus ouvintes; 3) provê um método fácil de trabalho missionário, que permite o envolvimento mesmo daqueles que não se sentem qualificados a dar estudos bíblicos; 4) abre as portas para muitos outros usos evangelísticos criativos, que podem ser desenvolvidos em conjunto com algumas instituições denominacionais.

Além do auxílio das igrejas locais, o programa também tem recebido o apoio de pelo menos seis escolas paroquiais adventistas. O pastor de uma dessas igrejas usou a inscrição no curso bíblico do programa como requisito para os estudantes de suas classes de religião. Algumas escolas têm conseguido usar o mesmo curso para alcançar muitos pais de estudantes. Significativa também tem sido a experiência prática obtida por alguns estudantes do 3º ano de Teologia do Salt-IAE, que fizeram sua prática de evangelismo participando de algumas séries de colheita vinculadas ao programa.

Embora a Associação Leste Sul-Rio-Grandense tenha desenvolvido esse programa de estudos bíblicos interativos através de sua emissora FM, um programa semelhante pode ser implementado também através de outros meios de comunicação, como um canal regular de TV, um canal de TV a cabo. O extraordinário sucesso do programa deve-se principalmente à bem planejada interação entre a sua equipe e o apoio dos membros das igrejas. Nossa denominação realmente necessita fazer um mais criativo uso dos modernos recursos tecnológicos, sem perder de vista o calor do contato humano pessoal com aqueles a serem alcançados pela nossa mensagem. □

nar, os participantes do seminário saem em duplas para entrevistar algumas pessoas da vizinhança. A entrevista consiste nas quatro seguintes perguntas: 1) Costuma ouvir rádio? 2) Já ouviu a Novo Tempo FM 99.9? 3) Conhece o Curso Interativo Verdades Para Hoje? 4) Deseja fazer o curso e concorrer a uma Bíblia? Em média, três de cada cinco pessoas entrevistadas aceitam fazer o curso bíblico.

De volta ao local onde o seminário está sendo realizado, seus participantes discutem as principais dificuldades encontradas durante as entrevistas. Eles são ensinados também a como levar pessoas à decisão e como responder perguntas. O último passo do processo de treinamento é dado ao indicar-se, em um mapa do território da igreja, as ruas específicas a serem visitadas pelas duplas.

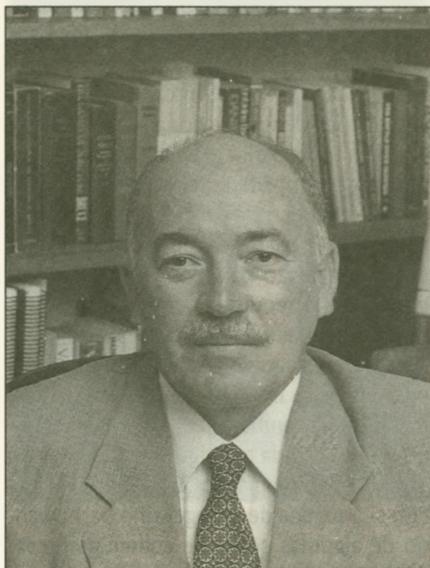
A primeira visita ocorre normalmente num sábado à tarde, antes da transmissão do programa. Naquela ocasião, a atenção da pessoa é chamada para o programa, através da entrevista já mencionada. No caso de a pessoa aceitar fazer o curso, ela recebe a lição do dia e a lição do próximo sábado. A cada visita seguinte, a pessoa devolverá a lição estudada através do rádio naquele dia, e receberá a lição a ser considerada na semana seguinte. Isso lhe permite preencher antecipadamente a lição e estar familiarizada, de alguma forma, com o seu conteúdo, ao ser ele transmitido pelo rádio.

Esse seminário de treinamento sempre

De casa em casa

JOSE MIRANDA ROCHA

D.Min., Professor de Teologia Aplicada no Salt-IAE



Daniel

Visita pastoral? Essa é uma das polêmicas questões que têm agitado pastores adventistas e de outras denominações, dividindo-os em dois grupos. Primeiramente, há os que defendem a idéia de que visitar os membros batizados é como "rondar" as noventa e nove ovelhas enquanto a "perdida" perece sem ser alcançada pela mensagem de salvação. Por essa mesma ótica, os pastores são vistos como "educadores da igreja na obra evangélica. Cumpre-lhes ensinar o povo a buscar e salvar os perdidos".¹ Nessa linha de pensamento, aponta-se a debilidade espiritual da igreja e a debilidade física de minis-

tros como um resultado da obra pastoral restrita em favor de membros já batizados.

O outro polo da disputa prende-se ao conceito de que a obra do pastor deve ser basicamente voltada para a nutrição e vigilância do rebanho, deixando-se a tarefa de evangelização como encargo de pessoas assalariadas para isto, tais como obreiros bíblicos e evangelistas. Ouve-se, por parte dos que vêem a obra do pastor dessa maneira, expressões tais como: "Quem produz ovelha é ovelha e não o pastor."

No presente artigo, é nosso objetivo apresentar três razões básicas para que os pastores incorporem o ministério da visitaçao como parte de seu programa de trabalho em igrejas locais ou distritos. Obviamente, assumimos a pressuposição de que os pastores necessitam do apoio de outros oficiais da igreja, tais como anciãos e diáconos, para o cumprimento da tarefa de visitar todos os membros das comunidades de sua área de trabalho. Mas o nosso enfoque é que um pastor que não visita pessoalmente os membros de suas igrejas, estará fazendo apenas parte do trabalho que lhe corresponde.

Mandato divino

A primeira razão para a visitaçao de casa em casa aos membros de nossas igrejas encontra o seu fundamento tanto no exemplo como na comissão dados por Deus aos Seus ministros. Como o próprio Deus veio em pessoa visitar e redimir o Seu povo, assim devem os pastores visitar e partilhar aquela redenção com o rebanho do Senhor. Zacarias, o pai de

João Batista, louvou o "Deus de Israel, porque visitou e redimiu o Seu povo, e nos suscitou plena e poderosa salvação na casa de Davi, Seu servo... para alumiar os que jazem nas trevas e na sombra da morte, e dirigir os nossos pés pelo caminho da paz". (Luc. 1:68, 69 e 79).

Uma grande parte do ministério de Cristo foi devotada à visitaçao pessoal de casa em casa. Ele engajava-Se em conversaçao com aqueles que visitava e interagiu com pessoas que queriam aprender o significado da salvação. Não poucos milagres foram realizados no ambiente doméstico de famílias que sofriam a presença de enfermidades e a condição irremediável da morte. Pobres e ricos eram objeto de Seu cuidado (Mar. 1:29-31; 2:1 e 2; 7:24-30; Luc. 4:38 e 39; 5:29-32; 8:51-56; 14:1-6; 19:9; 24:28-31). "Que vida atarefada levou



Ele! Dia a dia podia ser visto entrando nas humildes habitações da miséria e da dor, dirigindo palavras de esperança aos abatidos, e de paz aos aflitos. Cheio de graça, sensível e clemente, andava erguendo os desfalecidos e confortando os tristes. Aonde quer que fosse, levava bênçãos.”²

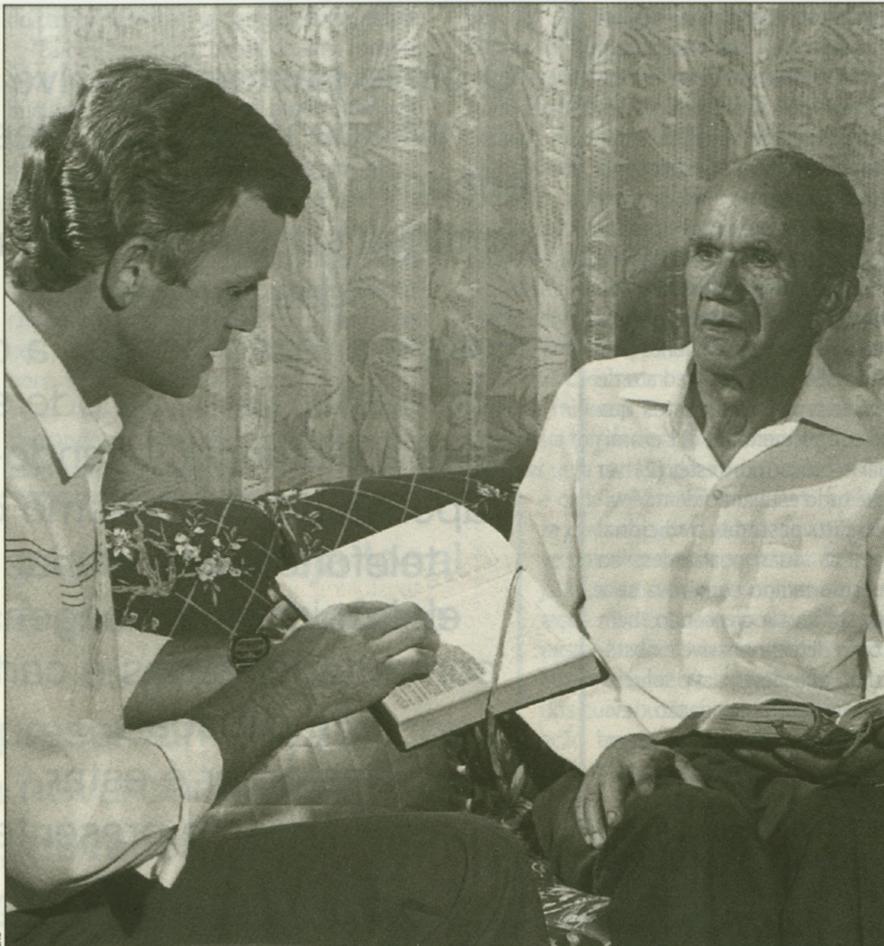
“Ao passo que ajudava aos pobres, Jesus estudava os meios de atingir os ricos. Procurava travar relações com o rico e culto fariseu, o nobre judeu e a autoridade romana. Aceitava-lhes os convites, assistia às suas festas, tornava-se familiar com os interesses e ocupações deles, a fim de obter acesso ao seu coração e revelar-lhes as imperecíveis riquezas.”³ Em Jesus, temos o verdadeiro paradigma e exemplo prático do fiel e compassivo pastor, aplicável a todos os tempos e culturas.

Nas instruções dadas aos doze, Jesus ligou a responsabilidade da pregação com a interação social e espiritual dos apóstolos e famílias visitadas. “À medida que seguirdes, pregai que está próximo o reino dos Céus... Ao entrardes na casa, saudai-a; se, com efeito, a casa for digna, venha sobre ela a vossa paz...” (Mat. 10:12-13).

Com efeito, este foi o plano de trabalho adotado por todos os apóstolos, inclusive Paulo, em sua atividade missionária. Lemos em Atos 5:42 que tanto no templo como “de casa em casa, não cessavam de ensinar e de pregar Jesus, o Cristo”. Em seu discurso aos anciãos de Éfeso, Paulo declarou que sua consciência pastoral estava isenta de culpa, pois jamais deixou de anunciar-lhes “coisa alguma proveitosa” e de ensinar-lhes “publicamente e de casa em casa” (Atos 20:20).

A parábola da ovelha perdida esclarece que se uma das cem “se extraviar” é responsabilidade do pastor ir à sua procura até encontrá-la, porque “não é da vontade de vosso Pai celeste que pereça um só destes pequeninos” (Mat. 18:12, 14). A visitação pastoral é uma maneira de refletir a glória de Deus ao procurar o perdido, redimir o pecador e confortar o sofredor.

Ao descrever o pastor insensato, o profeta Zacarias o fez apontando aqueles guias de Israel que não cuidaram “das que estão perecendo”, que não buscaram “a desgarrada”, que não curaram “a que foi ferida”, nem apascentaram “a sã”. Deus mandara o Seu servo proferir uma condenação contra os pastores negligentes: “Ai do pastor inútil que abandona o rebanho” (Zac. 11:15-17). O profeta Jeremias identifica os pastores genuínos como aqueles que apascentam as ovelhas, que transmitem segurança



e esperança divinas, de tal forma que “elas jamais temerão, nem se espantarão; nem uma delas faltará; diz o Senhor” (Jer. 23:4).

Função múltipla

Uma segunda razão para fazer visitação pastoral é a natureza múltipla da função do pastor. Ele não é chamado para ser apenas pregador, nem somente um conselheiro. Em seu trabalho, ele desempenha a obra de um supervisor do rebanho. É nesse particular aspecto de seu ministério que a visitação se torna uma atividade imprescindível para que outras, como a de pregador, por exemplo, achem o seu significado. Pregar sem conhecer o povo e suas necessidades, lutas, desafios e expectativas é apresentar apenas teoria doutrinária do púlpito. As verdades da Palavra de Deus, deste modo, não encontram aplicação na vida diária dos membros da igreja. O sermão, em pouco tempo, passará a ser visto como um entretenimento intelectual ou emotivo e não como a nutrição para a vida espiritual do ouvinte. É muito mais cômodo pregar apenas.

Certa ocasião, alguém fez uma difícil pergunta a Gregório de Nazianzo, o luminar da

Capadócia. Ele replicou: “Eu preferiria responder àquela pergunta do púlpito.” Eugene H. Peterson comenta que “é mais fácil tratar com as necessidades dos homens e mulheres em massa, na clausura sagrada do púlpito do que enfrentá-las sozinhas na intimidade do relacionamento de uma visita pastoral”.⁴

O propósito da visitação pastoral é levar a verdade da Palavra de Deus à situação particular do membro da igreja. O que é anunciado do púlpito ainda carece da vontade do ouvinte para receber crédito e confiabilidade. A exposição poderá ter sido até convincente, mas dúvida poderá persistir se o ouvinte nunca vê nenhuma evidência de que o pastor se preocupa com os indivíduos de sua comunidade. “A visitação pastoral funciona como uma autenticação da palavra falada através da palavra personalizada.”⁵ Phillips Brooks disse que “o pregador que não é um pastor se torna distante; o pastor que não é pregador se torna pequeno”.⁶

O ofício pastoral, por definição, envolve não apenas um simples encontro com o rebanho, mas continua supervisão e nutrição das ovelhas. A analogia sugere um relacionamento profundo e envolvente, exigindo

vigilância, constância, vigílias noturnas, e, sobretudo, um coração caridoso. Essa é a razão porque a obra de pastorear não pode ser feita à distância, usando-se apenas o automatismo do telefone e secretárias eletrônicas, mensagens pastorais computadorizadas e cartas impessoais. No coração do vocábulo, pastorear é estar pessoalmente presente. Em suas raízes, o ato de visitar tem dois aspectos que se complementam: (1) examinar e provar por teste; (2) ver que tudo está em ordem. A visitação pastoral tradicional tem as duas qualidades: ao mesmo tempo comprova se a fé está viva e crescendo, bem como detecta possíveis obstáculos que devem ser solucionados por antecipação, evitando-se enfermidades degenerativas no indivíduo e na comunidade de fé.

Ellen White, escrevendo aos pastores, exalta o valor da visitação, ao dizer que "aqueles que trabalham para

Deus têm apenas começado a obra quando pregam do púlpito. Após isto vem o real labor, visitar de casa em casa, conversar com os membros das famílias, orar com eles, e entrar em íntima simpatia com aqueles a quem desejamos beneficiar".⁷ Ela não vê nenhuma perda de dignidade se o pastor, ao prestar ajuda a algum membro de sua comunidade, realizar trabalhos físicos. E ainda encarece o fato de que a visitação tem o poder de influência para desarmar oposição e derrubar preconceitos, mais do que qualquer outra atividade ministerial.⁸

"Visitar de casa em casa forma uma importante parte do trabalho do ministro. Ele deveria almejar a comunicação com todos os membros da família, se eles professam a verdade ou não. É seu dever estar seguro da condição espiritual de todos; e ele deve viver tão próximo de Deus que possa aconselhar, exortar e reprová-lo, cuidadosamente e com sabedoria. Ele deveria ter a graça de Deus em seu coração e a glória de Deus constantemente em vista."⁹

Cada pastor deveria superar a tendência de permanecer recluso em seu escritório, lendo e escrevendo. Este é o perfil do

O ofício pastoral envolve não só apenas um simples encontro com o rebanho, mas contínua supervisão e nutrição das ovelhas.

Essa é a razão porque a obra de pastorear não pode ser feita à distância, usando-se apenas o automatismo do telefone e secretárias eletrônicas, mensagens computadorizadas e cartas impessoais.

Pastorear é estar pessoalmente presente.

pastor em muitos lugares, principalmente em regiões desenvolvidas, onde o excesso de privacidade desencoraja o contato com pessoas estranhas à família. Embora devamos valorizar o tempo gasto no estudo e na oração, é importante reconhecer o valor da visitação de casa em casa. É-nos dito que "o pastor deveria visitar de casa em casa entre seu rebanho, ensinando, conversando, orando com cada família e zelando pelo bem-estar de suas almas... Pessoas são facilmente alcançadas através das avenidas do círculo social... É altamente importante que um pastor se misture com seu povo a fim de que ele possa se tornar familiarizado com as diferentes fases da natureza humana, compreenda claramente como funciona a mente humana, adapte seus ensinamentos ao intelecto de seu povo e aprenda aquela grande caridade possuída apenas por aqueles que estudam profundamente a natureza e necessidade dos homens".¹⁰

Não podemos tomar outra atitude senão concordar com a afirmação segundo a qual "aqueles que se excluem a si mesmos do contato com o povo não estão em condições de ajudá-lo. Um habilidoso mé-

dico deve compreender a natureza das diferentes enfermidades e deve ter um completo conhecimento da estrutura humana. Ele deve estar pronto para atender aos pacientes. Ele sabe que atrasos são perigosos. Quando sua experiente mão toma o pulso do sofredor, e ele cuidadosamente nota a indicação peculiar de doença, seu conhecimento prévio capacita-o a determinar o que diz respeito à natureza da enfermidade e o tratamento necessário para deter seu avanço. Como o médico trata com a doença física, assim o pastor ministra à alma enferma pelo pecado. E sua obra é tanto mais importante do que aquela do médico, como a vida eterna é mais valiosa do que a existência temporal. O pastor entra em contato com uma grande variedade de temperamentos; e é seu dever tornar-se familiarizado com os membros das famílias que ouvem seus ensinamentos,

a fim de determinar que meios melhor influenciá-los-ão na direção certa".¹¹

Tarefas inseparáveis

A terceira razão para que os pastores continuem sendo visitantes de todo o rebanho, pode ser encontrada na indivisibilidade de duas tarefas às quais ele se encontra mais relacionado e com as quais está mais comprometido: o pastoreio e a evangelização. A Bíblia comissiona cada pastor a fazer a obra de um evangelista (II Tim. 4:5), tarefa impossível de ser bem realizada sem o empenho do pastor em confirmar os novos membros na fé e inseri-los na vida comunitária da igreja. E se é necessário que todo pastor deve fazer a obra de um evangelista, não é menos verdade que todo evangelista, para ser bem-sucedido em toda a extensão do termo, deve estar disposto a ser um pastor para os novos crentes, sustentando-os pela pregação e visitação, até que sejam habilitados a viverem uma vida cristã vitoriosa.

A negligência em visitar os recém-batizados é um dos pontos frágeis na obra de evangelização, quer seja ela realizada pelo método de estudos bíblicos pessoais, pelo método de

conferências públicas, ou qualquer outra forma. Não raras vezes, evangelistas que alcançaram um grande sucesso em atrair pessoas a Cristo e ao estudo das Escrituras Sagradas, sentem-se pressionados a abandonar prematuramente o novo grupo de fiéis, ao viverem a sua fase mais difícil após a decisão e o batismo. Destaquemos ainda que um bom programa de visitação não inibe o crescimento da igreja. Pastores que visitam regularmente descobrem possíveis interessados no estudo da Bíblia entre familiares não-adventistas, vizinhos e amigos das famílias visitadas.

Todos sabemos dos problemas que surgem para minar a fé de um novo crente, tais como as dificuldades referentes ao sábado no trabalho, escola e família; dúvidas doutrinárias, principalmente se a pessoa teve fortes convicções acerca do que lhe foi ensinado no passado. Mesmo, porém, que não haja tais obstáculos, quase todos os que se convertem vindos de uma outra experiência social e religiosa, carecem de visitação pastoral, pois precisam de novos amigos que estejam dispostos a dar apoio e força, na vivência da fé. O pastor da igreja local e o evangelista, como os primeiros representantes públicos da nova comunidade de fé, deveriam estar entre esses primeiros amigos dos novos membros.

A autoridade representativa que ambos carregam é algo muito valorizado por aqueles que os têm visto como pregadores, oficiantes do culto e das ordenanças – batismo e ceia – elos de ligação entre o crente e a igreja. Negligenciar a visitação aos novos crentes é passar-lhes a mensagem que todo o interesse da equipe evangelística e pastoral era tão-somente contá-los como pessoas batizadas e, assim, aumentar numericamente o rebanho. Não é de estranhar que, quando os pastores e evangelistas deixam de visitar os novos conversos, esses logo deixem de frequentar as reuniões.

Prioridade, planejamento e comunicação

Um dos melhores aprendizados que tive no início do meu trabalho como pastor foi a necessidade de ver as prioridades de minha função, tanto em relação aos membros antigos da igreja como aos novos. Aprendi a priorizar a visitação pastoral não em função da receptividade que pudesse ter por parte das pessoas, mas pela necessidade da presença

do pastor na vida e nos lares da comunidade.

Parcialmente, por causa de uma mentalidade de que pastores bem-sucedidos são os que fazem a igreja crescer, alguns têm relegado a visitação pastoral a um plano secundário, dando prioridade, quando muito, àquelas que lhes são solicitadas. Mas todo pastor precisa saber que muitos membros de suas igrejas, ainda que em grande necessidade pessoal ou familiar, nunca o procuram ou solicitarão sua presença. Algumas vezes, por pensarem que o pastor não está disponível para esse tipo de trabalho; outras vezes, a própria natureza do que estão enfrentando os inibe de buscar alguém com tanta representatividade.

O pastor da igreja local e o evangelista, como os primeiros representantes públicos da nova comunidade de fé, deveriam estar entre os primeiros amigos dos novos conversos.

É nesse ponto que percebo a importância da valorização da visitação geral aos membros da igreja, quer solicitem ou não. Ao dar esse lugar de importância ao programa de visitar seu rebanho, o pastor estará se dispondo para a tarefa com todas as implicações que são peculiares à mesma, como providenciar tempo e replanejar as outras atividades de seu ministério para que não sofram perdas.

Contudo, devemos ter em mente que priorizar não significa fazer um "arrastão", esquecendo-se de tudo e de todos, inclusive a própria família do ministro. Um planejamento bem elaborado levará em conta o número de membros da igreja e do distrito que serão visitados, após contato prévio, dentro da disponibilidade de tempo que foi reservado no programa diário do pastor.

Um exemplo prático é pensarmos em um distrito constituído por 1.200 membros, o qual terá aproximadamente 300 famílias a serem visitadas. Considerando que o pastor possa realizar duas ou três visitas

por dia, ele conseguirá visitar todo o seu distrito no espaço de 100 a 150 dias por ano. Ao transformarmos esses números em horas de trabalho, o programa de visitação ocupará entre duas a quatro horas na agenda diária do ministro. Para pessoas em lugares ou condições de difícil acesso, o tempo deverá ser planejado levando em conta todos os fatores próprios de cada caso.

Finalmente, é preciso ficar bem claro que plano de visitação o pastor tem estabelecido em sua programação anual, quando começará e o que cada membro e família podem esperar do ministro. Um dos veículos mais eficazes para tornar o plano bem conhecido poderia ser uma carta endereçada a cada família e cada pessoa batizada. Para que essa carta chegue a todos, o pastor deve trabalhar com a secretaria da igreja, buscando atualizar nomes e endereços. Antes do envio da carta, um pastor sensato apresentará o plano aos membros da comissão da igreja, dos quais buscará conselho para uma ação bem-sucedida. Dentre os que podem encabeçar a lista como os primeiros a serem visitados, estão os enfermos e aqueles que estão passando por problemas de sobrevivência, como perda de emprego, vítimas de tragédia e morte.

Apesar de apreciar a sociabilidade com os membros de igrejas nas quais exerci o pastorado, jamais me limitei a uma visita estritamente social. Seja um chamado de rotina ou emergência, o pastor deve sempre procurar fazer o melhor para tornar aquela uma oportunidade de partilhar a fé. Visitar é sempre um pesado encargo, mas algo que se tornará mais leve se for priorizado, planejado e explicitamente comunicado. □

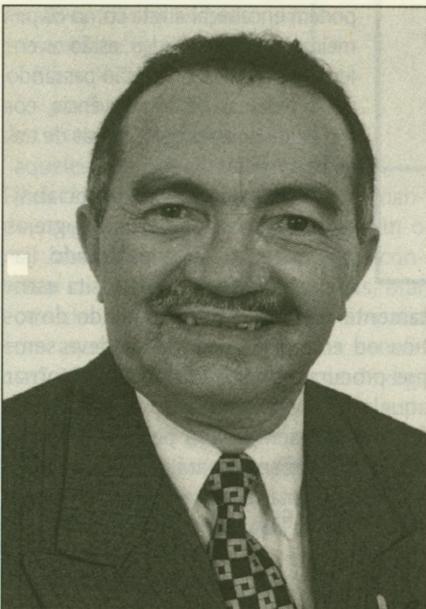
Referências:

- 1 Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, Casa Publicadora Brasileira, Santo André, SP: 1965, pág. 614.
- 2 *Idem*, *Obreiros Evangélicos*, pág. 45
- 3 *Ibidem*, pág. 46
- 4 Eugene H. Peterson, *Five Smooth Stones for Pastoral Work*, Grand Rapids, MI: W. B. Eerdmans, 1980, pág. 7.
- 5 Jay Adams, *Shepherding God's Flock*, Grand Rapids, MI: Zondervan, 1974, págs. 75-156.
- 6 Citado por G. B. Williamson, *Pastores del Rebaño*, Kansas City, MS: Casa Nazarena de Publicaciones, 1992, pág. 150.
- 7 Ellen White, *Testimonies for the Church*, Boise, ID: Pacific Press, 1995, vol. 3, pág. 558.
- 8 *Ibidem*.
- 9 *Ibidem*, vol. 2, pág. 338.
- 10 *Ibidem*, vol. 4, pág. 266
- 11 *Ibidem*, pág. 267.

É preciso vigiar

MANOEL XAVIER DE LIMA

Presidente da Associação Planalto Central da IASD, com sede em Brasília, DF



AFC

“Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina. Continua nestes deveres: porque, fazendo assim, salvarás tanto a ti mesmo como aos teus ouvintes.” (I Tim. 4:16).

Embora esse sábio conselho do apóstolo Paulo tenha sido legado ao jovem Timóteo, há 1933 anos, continua sendo muito oportuno para o ministério dos dias atuais. Timóteo, então pastor das igrejas cristãs de Éfeso, na Grécia, deveria precaver-se contra os muitos tipos de corrupção que

grassava na sociedade dos seus dias. Quanto à doutrina, como bom pastor do rebanho da infante igreja cristã, deveria protegê-la contra a onda de falsos ensinamentos que a ameaçava a partir da sexta década do primeiro século.

O conselho é oportuno porque hoje, quase dois milênios passados, os dois fatores em tela – corrupção e falsas doutrinas – são bem mais abundantes e aperfeiçoados. É uma advertência tão oportuna como abrangente, pois são vários os aspectos da vida pessoal de um ministro sobre os quais ele deve exercer cuidado.

Saúde

O mesmo Paulo, dirigindo-se à igreja de Corinto, afirmou que o corpo é o “santuário do Espírito Santo” (I Cor. 6:19 e 20). Nosso ser inteiro é um complexo indivisível tripartite: corpo, espírito e alma, que merece redobrado cuidado a fim de que o poder do Espírito encontre boa recepção. O pastor tem o dever de zelar por sua saúde, alimentando-se adequadamente, exercitando-se regularmente e repousando de maneira satisfatória. Isso é básico.

Estando em boa forma física, ele se previne contra o estresse e outros distúrbios orgânicos. Conseqüentemente, a execução do seu ministério será mais vibrante, com resultados positivos, abundantes e perenes. Ele mesmo se

torna, dessa maneira, um exemplo positivo para o rebanho que lhe foi confiado. Já dizia Cícero, pensador romano, que “o exercício e a temperança são capazes de preservar parte da força da nossa juventude, mesmo na velhice”.

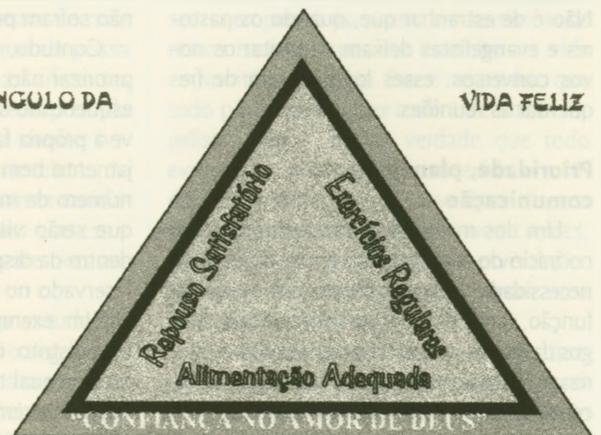
Vida sexual

O relacionamento excessivamente liberal com o sexo oposto é um dos instrumentos mais bem-sucedidos, em todos os tempos, do arsenal de Satanás. O mandamento é claro: “Não adulterarás” (Êxo. 2:14); e, no entanto, talvez seja um dos mais transgredidos atualmente.

Uma enquete entre as igrejas cristãs dá conta de um assustador número de líderes e ministros, que, precocemente, abandonam o ministério por causa de transgressão moral. Essa é uma razão pela qual o elevado conceito que o pastor hoje desfruta entre a irmandade já não é o mesmo que possuíam os pastores de antigamente, até meados deste século. Veja-se, por exemplo, os pioneiros heróis da História

TRIÂNGULO DA

VIDA FELIZ





Leandro Kaercher

Eclesiástica, e poderosos pregadores do passado, tão venerados pelos cristãos.

Um deles, Carlos Spurgeon, conhecido como o "príncipe dos pregadores", costumava advertir seus alunos: "Tenham cuidado consigo mesmos, para que não estejam vazios daquela graça salvadora de Deus que oferecem a outros, e não sejam estranhos àquela obra eficaz efetuada por aquele evangelho que pregam; e para não acontecer que, enquanto proclamam ao mundo a necessidade de um Salvador, os seus próprios corações O negligenciem, e lhes falte interesse por Ele e por Seus benefícios salvíficos. Tenham cuidado consigo mesmos, para que vocês não pereçam enquanto chamam a atenção de outros a que se cuidem para não perecerem, e para que vocês não morram de fome enquanto dão alimento para eles." (*Lições Aos Meus Alunos*, vol. 2, pág. 8).

Pela própria natureza de seu ofício, o ministro deve ser comunicativo, social e amável com todas as pessoas. Não precisa ser descortês com o sexo oposto, até porque ele não existe para lhe causar problemas. Bondosas, dedicadas e muito capacitadas irmãs são uma valiosa ajuda ao pastor e à igreja. Elas devem ser tratadas apenas respeitosa e cuidadosamente. Intimidade deve ser reservada à esposa.

No ritual do Santuário, nos dias do Velho Testamento, o sacerdote deveria ter em suas vestes campainhas e romãs. Umas figurando a sã doutrina e outras simbolizavam

do a santa e frutífera vida sacerdotal (Êxo. 28:33 e 34). O Senhor será santificado naqueles sacerdotes que andam junto d'Ele (Isa. 52:11), pois os pecados dos sacerdotes levam o povo a aborrecer as ofertas ao Senhor (I Sam. 2:17). Sua vida ímpia lança vergonha sobre o seu ensino. Como disse ainda Spurgeon, "a conversão é uma condição *sine qua non* em um ministro – uma condição indispensável. ... O ministro santo é uma temível arma na mão de Deus."

A doutrina

O noviço ministro Timóteo devia ser um permanente vigilante da doutrina cristã, ardoroso estudante e expositor das Escrituras. Isso lembra a comunhão pessoal com Deus e o conseqüente resultado no seu dia-a-dia: vivendo o que prega e pregando o que vive, não se esquecendo do zeloso cuidado pelo bem-estar do rebanho. Deparei-me certa vez com um jovem pastor, que viajara a pé, cerca de 40 quilômetros, levando nos ombros a bagagem, nos causticantes sertões do Estado de Tocantins. Seu objetivo era encontrar uma ovelha que precisava ser reanimada e salva espiritualmente.

O pastor deve ser um defensor das verdades cristalinas da Palavra de Deus, mantendo-se vigilante por seu rebanho, contra as heresias e filosofias que tendem a minar sua fé no Salvador. "Ao enviar os Seus ministros, nosso Salvador deu dons aos homens, pois por meio deles Ele comunica ao mundo as palavras da vida eterna. Este é o meio ordenado por Deus para o aperfeiçoamento dos santos em conhecimento e verdadeira santidade. A obra dos servos de Cristo não é meramente pregar a verdade; devem vigiar pelas almas, como os que têm que dar contas a Deus. Devem redargüir, repreender, exortar, com toda a longanimidade e doutrina", diz Ellen White.

Nesse sentido, "os ministros de Cristo sobre a Terra são indicados para agir em Seu lugar", como diria ainda a Sra. White (*Atos dos Apóstolos*, pág. 122). E isso é

um privilégio, como também uma grande responsabilidade.

Cuidar da doutrina, no entanto, não significa apresentá-la de maneira árida, fria e legalista como se ela possuísse, em si mesma, algum poder salvador. Por isso, é oportuno atentar para mais este conselho de Ellen White:

"Anseio ver nossos ministros se demorem mais na cruz de Cristo, o coração enternecido e subjugado pelo incomparável amor do Salvador, amor que inspirou o sacrifício imenso. Se a par da teoria da verdade, nossos ministros se demorassem mais sobre a piedade prática, falando inspirados por um coração possuído do espírito da verdade, veríamos muito mais almas se arrebanharem em torno do estandarte da verdade; o coração ser-lhes-ia tocado ante os apelos da cruz de Cristo, da infinita generosidade e piedade de Jesus em sofrer pelo homem. Esses assuntos vitais, aliados aos pontos doutrinários de nossa fé, efetuariam muito bem entre o povo. O coração do mestre, porém, precisa achar-se possuído do conhecimento experimental do amor de Cristo.

"O poderoso argumento da cruz vencerá do pecado. O divino amor de Deus pelos pecadores, expresso no dom de Seu Filho para sofrer vergonha e morte de modo a que eles fossem enobrecidos e dotados de vida eterna, constitui estudo para toda a existência. Peço-vos que estudeis de novo a cruz de Cristo. Se todos os orgulhosos e vangloriosos cujo coração anseia aplauso dos homens e distinção acima de seus companheiros pudessem estimar devidamente o valor da mais exaltada glória terrena em comparação com o valor do Filho de Deus – rejeitado, desprezado, cuspidor por aqueles mesmos a quem viera salvar – quão insignificantes pareceriam todas as honras que o homem mortal pudesse conferir!"

Dwight Moody foi um poderoso e fluente pregador do século passado. Alguns dos seus biógrafos dizem que ele teria levado cerca de meio milhão de pessoas a Cristo. Ainda jovem, foi assaltado por tremenda dúvida: continuar a vida de empresário no ramo de sapatos, ou ser ministro. Um dia, a inquietação foi dissipada, quando ouviu do evangelista Henrique Varley o seguinte pensamento: "O mundo ainda não viu o que Deus fará com, para, e pelo homem inteiramente a Ele entregue." (*Heróis da Fé*, pág. 240).

Naquele momento, em pranto, Moody disse: "Eu quero ser esse homem."

E quanto a nós, caro colega de ministério? Vamos ser também esse homem. □

Liderança confiável



Você é confiável? Recentemente eu estava com um grupo de colegas discutindo sobre como construir a confiança. Dividimos nosso trabalho em dois tópicos: as qualidades do indivíduo confiável e as de uma organização confiável. Então enumeramos algumas características marcantes de um líder confiável:

Autenticidade. Líderes confiáveis vivem o que pregam. Embora não sejam perfeitos, nem carreguem tal presunção, há pouca dissonância entre o que dizem e como interagem com a família, os colegas, a congregação e a comunidade.

Sinceridade. A palavra de um líder é mais valiosa que um contrato escrito. Geralmente, ele faz poucas promessas, mas cumpre todas fielmente. Nenhum liderado acreditará nos benefícios de promessas e relacionamentos que não podem ser sustentados por muito tempo.

Confidencialidade. Líderes dignos de confiança mantêm sua palavra e guardam confidências. Quanto maior a segurança de que a informação compartilhada será protegida, maior a confiabilidade. À exceção de comportamentos que prejudicam terceiros, o líder nada revela do que lhe tem sido relatado confidencialmente.

Sabedoria. Líderes cujo conselho é derivado da experiência pessoal serão mais

acreditados por aqueles que os seguem. Discrição que separa o genuíno do espúrio e a orientação baseada em sã juízo, estabelecem a confiança dos liderados.

Humanidade. Os seguidores esperam que seus líderes sejam acessíveis e humanos não apenas nas aparências. O reconhecimento de seus próprios desafios e lutas inspirará nos liderados a disposição de ajudá-los mais ainda em tempos difíceis. Por outro lado, os líderes que tentam manter uma fachada de invulnerabilidade e imunidade, em algum momento terão a máscara retirada e descoberta sua falsidade.

Confiança nas pessoas. Uma das mais efetivas maneiras de conquistar a confiança dos liderados é confiar neles. No processo de tomar decisões, o líder precisa delegar muitas opções aos seus liderados, para treiná-los e capacitá-los a bem de seu crescimento e progresso. Além disso, ao dar uma segunda chance aos membros de sua equipe, mesmo quando cometem enganos, o líder se revelará mais confiável, ao mesmo tempo que contribuirá para o desenvolvimento das habilidades daqueles aos quais está treinando.

Senso de justiça. Um líder que age deliberadamente depois de avaliar todos os fatos relevantes de uma situação, e que evita ações impulsivas, baseadas em informações incompletas e truncadas, colherá confiança. Algumas vezes, é necessário agir rapidamente. Porém, muito freqüentemente, poucos dias investidos em reflexão ou análise profunda dos fatos, somente fortalecerão e afirmarão as decisões que deverão ser tomadas.

Comunicação. Líderes confiáveis mantêm comunicação com outros membros de sua equipe. Reconhecendo que conhecimento é poder, eles partilham todas as informações importantes, e assim geram confiança em si mesmos. Comunicação aberta e discussão democrática servem para construir uma atmosfera de confiança, gerando irrestrito apoio às decisões que serão implementadas.

Qualificações. Os liderados desejam que seus líderes possuam habilidades acadê-

micas e práticas. Embora a graduação educacional não garanta sabedoria, uma atitude de "santa ignorância" que até ridiculariza a escolaridade, mais comprova a falta de senso crítico do que desvaloriza o processo de busca da excelência. Um líder confiável será profissionalmente bem preparado, e manterá seu crescimento através de educação contínua, muita leitura, seminários e contatos com variadas experiências.

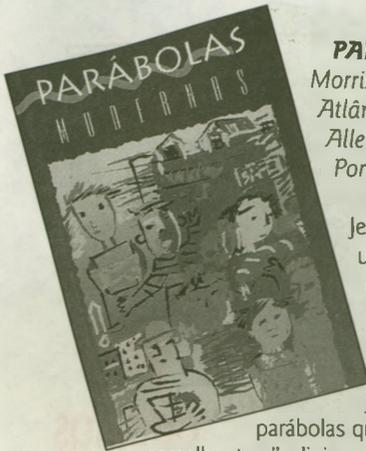
Amor pela Igreja. Os líderes devem amar clara e completamente aqueles aos quais lideram. Suas ações estarão permeadas pelo interesse máximo e dedicação em favor do bem-estar das pessoas, tal como vistos no amor de Deus. A constante pergunta, que estará sempre diante deles, será: "O que é mais importante para a causa de Deus e para Seus filhos?", em lugar de: "O que é mais importante para mim?"

Envolvimento pessoal. Quando Jesus Cristo ocupou-Se de treinar Seus 12 discípulos, reservou tempo para estar com eles. Suas lições de liderança foram transmitidas mais através do discipulado do que de instrução didática. Assim, quando o Mestre introduziu os discípulos no ministério ativo, eles estavam capazes para fazer o que tinha de ser feito, porque "havia estado com Jesus", observando-O e acompanhando-O na realização do trabalho.

Capacidade para ouvir. Possivelmente, nada construa mais prontamente a confiança no líder, do que sua disposição para ouvir cuidadosamente as idéias e opiniões dos liderados, demonstrando interesse e consideração por elas. Será melhor ainda se, eventualmente, utilizar as melhores sugestões fornecidas.

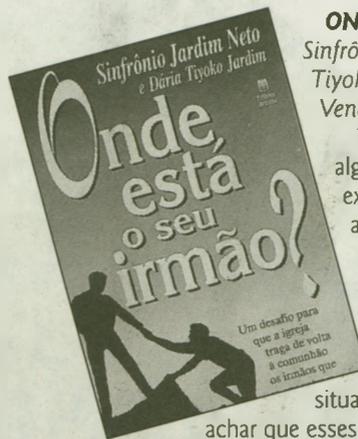
Valorização das pessoas. Todos os líderes querem ver suas idéias implementadas. Mas os líderes confiáveis demonstram, sinceramente, que seus liderados são mais importantes do que qualquer item da agenda, do que qualquer coisa. Dessa forma, asseguram sua lealdade e participação ativa na implementação das tarefas e na busca dos objetivos que desejam alcançar. □ - James A. Cress.

LIVROS



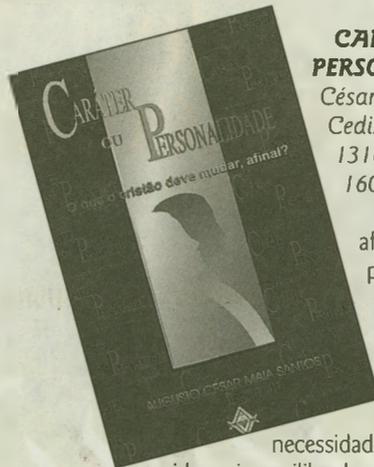
PARÁBOLAS MODERNAS –
Morris Venden, Publicadora
Atlântico S.A., Rua Salvador
Allende, Lt. 18-1º; 2685 Sacavém,
Portugal; 220 páginas.

O maior de todos os mestres, Jesus Cristo, é um exemplo no uso de parábolas como método de ensino. Sempre que desejava tornar prática uma verdade abstrata como a fé, o amor, o reino dos Céus, era justamente através de parábolas que o fazia. "O reino dos Céus é semelhante...", dizia, e em seguida apresentava uma nova parábola. O povo simplesmente ficava eletrizado. Hoje não é diferente. Morris Venden descobriu isso em sua própria experiência como pregador, e apresenta algumas "Parábolas Modernas" com o objetivo de auxiliar os pregadores, além de proporcionar aos leitores agradáveis momentos de reflexão espiritual.



ONDE ESTÁ O SEU IRMÃO? –
Sinfrônio Jardim Neto e Dária
Tiyoko Jardim, Editora Betânia,
Venda Nova, MG; 120 páginas.

Todos nós conhecemos alguém que já fez parte do exército de Deus mas que, por alguma razão, hoje se encontra distante, frio e sem motivação para prosseguir. Talvez um parente ou um amigo que muito estimamos. O que temos feito para mudar a situação? A tendência, em geral, é achar que esses irmãos não querem mais nada com a igreja e com Deus. Entretanto, muitos estão aprisionados pela dor, solidão e tristeza, precisando de apoio, amor e atenção. Este livro apresenta uma estratégia de reconquista das ovelhas que se afastaram do aprisco.



**CARÁTER OU
PERSONALIDADE** – Augusto
César Maia Santos, Editora
Cedisau, Caixa Postal 147;
13160-970 Artur Nogueira, SP;
160 páginas.

O que o cristão deve mudar, afinal? O caráter ou a personalidade? Aliando a sabedoria bíblica à Psicologia, o Dr. Augusto César responde essas indagações, dando uma visão abrangente do que é o homem, quais são as suas necessidades e como ele pode obter uma vida mais equilibrada, plena e feliz.



**FUNDAMENTOS BÍBLICO-
TEOLÓGICOS DO CASAMENTO E
DA FAMÍLIA** – Jorge E.
Maldonado, Editora Ultmato,
Caixa Postal 43; 36570-000
Viçosa, MG; 181 páginas.

O casamento e a família têm sua origem no próprio Deus. Não é apenas o resultado de um contrato social entre duas pessoas que se amam e muito menos o fruto da necessidade biológica de perpetuar a espécie. Neste livro, a reflexão teológica e a ação pastoral buscam respostas para algumas questões, tais como a relação homem-mulher na Bíblia, o divórcio e as igrejas evangélicas, entre outras. São dez capítulos que desafiam igrejas e líderes a colocarem em prática os ensinamentos bíblicos sobre o casamento e a família.



**PSICOLOGIA DA
RECONCILIAÇÃO** – Mario
Pereyra, Editora Cedisau, Artur
Nogueira, SP; 157 páginas.

Como reparar os vínculos perdidos? Nesta obra, o autor faz uma exposição dos fatores que formam o processo de reconciliação e de como esses fatores operam dinamicamente. Afirma que o processo de reconciliação transcorre em quatro etapas, e que o problema da ruptura de um relacionamento não pode ser resolvido sempre da mesma maneira. Talvez exija diversas técnicas e estratégias, tratando-se de pessoas diferentes, com personalidades diferentes. Leitura útil para pastores que tratam com pessoas, seus sentimentos e suas reações.

80
páginas

Manual de Procedimentos

Para as Reuniões Administrativas da Igreja

7 razões

para você adquirir este manual

1. Traz princípios e regras para sessões administrativas da igreja.
2. Apresenta os deveres e direitos dos membros e oficiais em reuniões administrativas.
3. Contém regras do discurso e do uso da palavra.
4. Apresenta normas de ética para o funcionamento de comissões.
5. Contém sugestões de como apresentar assuntos a uma assembléia.
6. Traz regras para a consideração e discussão de propostas (moções).
7. Contém citações de Ellen G. White sobre comissões e reuniões administrativas.

Procure no SELS mais próximo ou peça diretamente à

CASA PUBLICADORA BRASILEIRA

Caixa Postal 34 - Tatuí, SP - CEP 18270-000 - Tel.: (015) 250-8800 - Fax: (015) 250-8900

